

## ***INTRODUÇÃO***



A construção do conhecimento é uma busca constante e desafiadora que me incita a refletir sobre a existência humana e sua multidimensionalidade. Esta reflexão me coloca num movimento de ir e vir entre presente, passado e num projetar-se que aponta para vários caminhos, exigindo uma pausa no aqui e agora, a fim de que seja possível fazer as escolhas em função do objetivo que desejo alcançar. Assim, fazer escolha significa optar por um caminho e vivenciá-lo na sua plenitude. Neste sentido, o tema que escolhi para ampliar meu conhecimento foi a sexualidade do idoso, visto que esta população está em constante crescimento (BRASIL, 1999), e de acordo MINAYO e COIMBRA (2002), em 2020 seremos a sexta população mais idosa do mundo, com 34 milhões de brasileiros com idades que superam os 60 anos.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2002), seguindo orientações da Organização Mundial da Saúde - OMS, é considerado idoso, nos países em desenvolvimento, toda pessoa com 60 anos ou mais, e em países desenvolvidos com 65 anos. Em todo o mundo, essa situação gera demandas de cunho político, social, educacional e da saúde, motivo pelo qual qualquer reflexão sobre os idosos deve abranger diversas áreas do conhecimento. Todavia, cabe salientar que a idade cronológica não se apresenta como um indicador preciso para as mudanças que acompanham o processo de envelhecimento, uma vez que vários fatores podem contribuir para influenciar esse processo durante a trajetória de vida. Devemos ter em mente que envelhecemos de diferentes maneiras e que nem todas as pessoas da mesma faixa etária apresentam características semelhantes. Simões (1994) reconhece que caracterizar a pessoa idosa é um desafio, uma vez que a condição humana apresenta-se complexa e peculiar, o que torna difícil estabelecer um perfil comum a todos.

É importante ressaltar que o fenômeno de envelhecimento da população é local e global, e apresenta um índice de crescimento progressivo desencadeando novas exigências sóciopolíticas e econômicas. Dessa forma, julgo pertinente a escolha que fiz, uma vez que a sexualidade é algo intrínseco ao ser humano - que sofre alterações socioculturais - é construída ao longo da vida, e como tudo que é humano, ao morrer, encontra-se inacabada.

A reflexão sobre a temática ampliou o meu escopo de conhecimento, transcendendo a concepção biológica. A superação foi fruto de leituras, observação, discussão e contatos com a população em foco. Nesta caminhada, encontrei apoio

no pensamento de Labronici (2002), o que permitiu repensar a sexualidade como uma das dimensões do ser humano, e como tal, envolve a multidimensionalidade, expressa-se mediante a interação com o outro e se manifesta nas relações sociais mediante a corporeidade.

Nesse contexto, a “sexualidade é dimensão ontológica que se manifesta na corporeidade, expressa nossa maneira de ser e de estar no mundo mediante os Eros que permeiam o cotidiano humano” (LABRONICI, 2002, p. 19). É uma característica humana que não se perde com o tempo, mas vai se desenhando, conforme a história vivenciada pelo corpo vivente em sua trajetória existencial.

Fica explícito pelo exposto que a sexualidade não se limita apenas à reação aos estímulos eróticos (VIEIRA, 2004); ela ultrapassa o ato sexual, uma vez que inclui o amor, o carinho, a troca de palavras, o toque, o compartilhar entre as pessoas que se expressam e se percebem como homens ou mulheres (ELIOPOULOS, 2005), independente da imagem apresentada, da tatuagem feita pela postura, pelo tempo e apresentada pelo cabelo grisalho, pelas rugas, e outras alterações decorrentes do processo de envelhecimento. Assim, compreendi que sexualidade é dimensão humana que está presente em toda a trajetória existencial, podendo ser vivenciada de diferentes maneiras em cada momento, manifestando-se mediante a expressão do corpo, ou seja, da corporeidade.

O que podemos perceber nesse sentido, é que o idoso não perde a sexualidade, mas a redescobre, e nessa perspectiva devemos olhar as possibilidades criativas construídas pelo corpo vivido (SANTOS, 2003). Isso significa olhá-la de outra forma, e esse novo olhar possibilita o vivenciar da sexualidade de uma maneira diferente, uma vez que se manifesta na corporeidade que é a expressão do corpo, motivo pelo qual é fundamental compreendê-lo como “primeiro e único lugar da experiência humana”, a fonte de todos os nossos desejos ou Eros (LABRONICI, 2002, p. 20).

Ao dar continuidade ao processo de ampliação e compreensão da sexualidade além da concepção biológica, ou seja, voltada para a reprodução, planejamento familiar, prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, AIDS, e distúrbios sexuais, através da visão racionalista, encontrei uma escassa literatura sobre a temática, o que também é reiterado por Eliopoulos (2005) ao afirmar que são abundantes as publicações referentes às diversas faixas etárias, exceto para o idoso. Essa situação parece ser sugestiva, pois a não percepção desta sexualidade

a torna carregada de pré-julgamento que contagia os profissionais na área da saúde (CAPODIECI, 2000).

O tema escolhido apresenta-se como paradoxo, uma vez que vivemos em um planeta onde o processo de envelhecimento é uma realidade concreta e, no entanto, é vista apenas no que concerne a problemas físicos, ficando alguns aspectos, como o da sexualidade e da sensibilidade, em segundo plano. A escassez da literatura por si só justifica a realização do presente estudo.

O envelhecimento surge como um dado expressivo a partir da década de 70, quando se denunciou que o país envelheceria e essa situação foi constatada pelo IBGE 20 anos após. Em 1999, o Brasil contava com mais de 14,5 milhões de idosos, o que correspondia a 8,6% da população brasileira. Um dos indicadores demográficos que nos apontam para este crescimento é a relação criança (0-14 anos) / idoso (acima de 60) que em 1980 era de 16 (15,9) idosos para 100 crianças, em 1991 passou para 21 idosos, e em 2000 para 29 (IBGE, 2002).

Um outro indicador demográfico relevante, divulgado na mídia, é a relação de criança entre 0 a 5 anos por idoso, e neste caso verifica-se a inversão, uma vez que em 1981 tínhamos 48,3 idosos para cada grupo de 100 crianças, em 1993 passamos para 76,5, em 1999 para 97,8, em 2004 a população brasileira atingiu 120,1 idosos para 100 crianças entre 0 e 5 anos (SOARES, 2005). Dessa forma, ao comparar essas duas faixas etárias, nota-se que a mudança do perfil demográfico caminha para o chamado envelhecimento populacional. Estimativas apontam para que na próxima década teremos 10% da população com mais de 60 anos (PELÁEZ, 2003), o que corresponde a uma população envelhecida. Talvez, alguns dos fatores responsáveis por este fenômeno, sejam: o planejamento familiar, a melhoria da assistência à saúde e da qualidade de vida (BAKKER FILHO, 2000), o que, de certa forma, são resultados do avanço da ciência e da tecnologia.

O envelhecimento populacional brasileiro acompanha o envelhecimento mundial, e as estimativas prevêem que, em 2050, haverá no mundo porcentagens iguais para crianças e idosos (ANDREWS apud IBGE, 2002). Essa mudança possibilitou um novo perfil na pirâmide etária da população brasileira, pois se antes tínhamos uma base larga e ápice estreito, indicando altas taxas de natalidade e de mortalidade, hoje em vários Estados e municípios temos uma base retangular que acompanha, com pequeno crescimento, as décadas seguintes (IBGE, 2004).

Em Curitiba, 8,4% da população encontra-se com mais de 60 anos, esse percentual é maior que o registrado para a faixa etária de 0 a 4 anos (8,1%) (BRASIL, 2005). Parte dessa inversão do crescimento populacional deve-se ao desenvolvimento e aprimoramento das ciências médicas, uma vez que doenças como a tuberculose, lepra, meningite, pneumonia, apendicite e outras que no passado comprometiam a saúde humana, trazendo uma diminuição na expectativa de vida, apresentam-se controladas, de certa forma, pela ciência e pelas atenções governamentais em promoção, prevenção e educação em saúde (PINTO, 2000).

Atualmente, as doenças que apresentam maiores taxas de prevalência são as crônico-degenerativas, ou seja, aquelas que surgem ao longo da vida e acompanham o ser humano até o seu término, têm um potencial de mortalidade menor, porém, uma morbidade ou co-morbidade maior (PINTO, 2000).

O novo desenho da pirâmide populacional aliado às reflexões sobre esse fenômeno, permitiu o desenvolvimento da gerontologia, ciência que estuda o envelhecimento como processo em seus aspectos biopsicossociais, que tem como objetivos a manutenção da vida, o retardo do declínio físico e prolongamento da vida com qualidade e novas expectativas. Dessa forma, é mais abrangente e engloba a geriatria, que se centra no estudo e tratamento dos processos de adoecimento do idoso (VIEIRA, 2004).

É importante ressaltar que a nossa sociedade vem sofrendo mudanças em um ritmo acelerado em função do avanço das ciências e do desenvolvimento de novas tecnologias, e estas afetam a nossa existência de diversas maneiras. Nesse sentido, podemos dizer que o desenvolvimento tecnológico contribui para a longevidade do homem. Embora não seja acessível a todos que caminham para a terceira idade, faz necessário refletir no processo de viver e ser saudável inclusive, no envelhecimento. Assim, saúde e qualidade de vida não significam necessariamente ausência de doença, mas seu controle, permitindo ao idoso uma vida mais autônoma e independente, ou seja, a concessão da possibilidade de ele próprio conduzir sua trajetória existencial.

O processo de envelhecimento permite ao corpo vivido um momento de reflexão, no qual podemos ir em busca de um sentido individual para a nossa existência, o que possibilita à velhice um renascimento. Entretanto, a percepção que temos de corpo, inspira-se naquilo que soubemos desenvolver e realizar no conjunto das nossas experiências anteriores, ou seja, a pessoa que sabe envelhecer bem,

aprende a escutar o corpo e o mundo, compreendendo seus próprios recursos (CAPODIECI, 2000).

Diante do exposto, a pergunta norteadora desta pesquisa é:

**“Qual é a percepção que o idoso possui da sua sexualidade?”**

O objetivo é:

**“Perceber como o idoso entende e vive sua sexualidade”.**

## **2. O DISCURSO DA LITERATURA SOBRE O TEMA**

Este capítulo aborda o tema sexualidade, partindo da discussão de algumas peculiaridades do fenômeno apresentadas por concepções encontradas na literatura.

Primeiramente, a sexualidade não se restringe aos impulsos sexuais, nem aos órgãos sexuais, ou ao mero ato sexual, portanto, trata da interação harmoniosa da genitalidade, da afetividade e da relação interpessoal, motivo pelo qual não é um meio de prazer apenas, é uma linguagem do ser humano, do corpo (VIDAL, 2002), é uma realidade humana multidimensional que não pode ser reduzida a um único foco e tem diversas repercussões sociais (MOSER, 2001).

A característica multidimensional é comparada por Moser (2001) como janelas que se abrem ao mundo, permitindo que nosso corpo se comunique com ele e com as pessoas que nos cercam. Assim, a sexualidade envolve todos os sentidos e abrange um conjunto de experiências e emoções que se exprimem na continuidade do prazer que acompanha a nossa trajetória existencial (CAPODIECI, 2000).

O corpo, segundo Merleau-Ponty (1990), além de expressão, é fala, é linguagem; é essa janela que nos permite comunicar com o mundo, é o veículo do ser no mundo, pois permite todo o movimento de ir e vir, ou seja, de espacialidade que ora aproxima, ora distancia o outro no processo de coexistência. Essa concepção permite que nos projetemos para e no mundo, e que esse se projete para dentro de nós, logo não temos corpo, somos corpo, da mesma forma não temos sexo, somos sexuados (MERLEAU-PONTY, 1999). Nessa perspectiva de relacionamento homem e mundo, a sexualidade amplia-se em três vertentes: o eu, o tu e o nós. A primeira orienta-se para alcançar a maturidade e a integração pessoal do ser humano, ou seja, trata-se da construção do “eu”; a segunda possibilita a relação interpessoal, uma vez que se direciona para o outro; e a terceira, trata-se da socialização, visto que ocorre no estabelecimento das relações interpessoais cruzadas (VIDAL, 2002).

A sexualidade apresenta-se como uma realidade dinâmica “que faz com que o homem tenha uma história” na qual projeta sua maneira de ser no mundo (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 219). Assim sendo, torna-se possuidora de diversas dimensões tais como: a biológica, a psicológica, a dialógica, a sociocultural, a existencial e a espiritual.



Ao reconhecer as diversas dimensões que compreendem a sexualidade, não procuro fragmentá-la, como no modelo cartesiano, mas a imagino como o cubo, mencionado por Merleau Ponty (1990, p. 45), que é possuidor de várias faces e mesmo a face oculta, à minha vista, “está presente ao seu modo”. Essa figura também se torna significativa, porque a cada movimento ou a cada posição que tenho perante o objeto, posso ver uma de suas faces. Dessa forma, cada dimensão apresenta uma peculiaridade, mas ao interligar-se às outras, pertencem ao mesmo fenômeno.

A dimensão biológica diz respeito ao sexo cromossômico, ao desenvolvimento anatômico e fisiológico, aos órgãos sexuais, à resposta sexual e à reprodução. É determinada pela presença dos cromossomos sexuais associada ao acúmulo primitivo de células gonadais, na fase uterina, que se converterão em testículos ou ovários. Em seguida, todo o processo de sexualização biológica dependerá dos fatores hormonais, os quais determinarão se a genitália e os centros cerebrais serão masculinos ou femininos. E, após o nascimento, serão os hormônios que conduzirão o desenvolvimento das características sexuais (CAVALCANTI, 1996). Os hormônios sexuais estão presentes em toda a trajetória da vida apresentando os seus picos e declínios, desenvolvendo uma dança hormonal, conforme a etapa vivida.

Na terceira idade, as mudanças hormonais e físicas decorrentes do processo de envelhecimento, não ocasionam a diminuição da libido, motivo pelo qual o idoso tem a sua sexualidade contemplada nessa dimensão. Isso significa que, apesar das mudanças nos padrões de resposta sexual entre homens e mulheres durante a trajetória existencial, eles permanecem presentes (KOLONDY, MASTERS, JOHNSON, 1982). Essa compreensão é corroborada por Capodieci (2000, p. 12) ao afirmar que não existem, excluindo casos claramente patológicos, “obstáculos fisiológicos para uma normal atividade sexual nos indivíduos que passam dos sessenta anos de idade”.

No que diz respeito à dimensão dialógica, é importante lembrar que a existência humana se constitui na relação com o outro, e, neste sentido, a sexualidade preenche todo relacionamento do eu com o tu; é uma linguagem na construção dos relacionamentos que se manifesta pelo olhar, pelo toque, pela dança (VIDAL, 2002), ou seja, pelas múltiplas formas de manifestação da corporeidade, uma vez que esta é a essência que se expressa pelo corpo que vê e é visto, que

toca e é tocado, que sente e é sentido, porquanto é sensível (MERLEAU-PONTY, 1990).

A sexualidade, como dimensão existencial, é desvelada por Merleau-Ponty como coextensiva à vida, porque para ele não temos sexo, somos sexuados, o que denota uma cumplicidade entre existência e sexualidade, ao passo que “Existe uma osmose entre sexualidade e a existência, quer dizer, se a existência se difunde na sexualidade, reciprocamente a sexualidade se difunde na existência, de forma que é impossível determinar, para uma decisão ou para uma dada ação, a parte da motivação sexual e a parte das outras motivações; é impossível caracterizar uma decisão ou um ato como “sexual” ou “não-sexual”” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 234).

A ótica existencial de Merleau-Ponty possibilita compreender que a sexualidade permite ao homem desenhar a sua história, porque nela projeta “sua maneira de ser, quer dizer, a respeito do tempo e a respeito dos outros homens” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 219). Assim, não se restringe ao genital e nem a um simples processo de respostas nos quais os órgãos sexuais são o lugar, nem é instintiva, ela é compreendida como a maneira de ser no mundo.

É importante lembrar que a sexualidade também é um fenômeno psíquico, e como tal faz-se necessário esboçar o desenvolvimento psicológico do ser humano na compreensão do psicanalista Sigmund Freud, que no final do século XIX e início do XX, se preocupou em investigar a sexualidade. Seus estudos se apresentam como um divisor de águas para a compreensão moderna e contemporânea deste tema, uma vez que a sexualidade vai além da genitalidade. Sua manifestação está presente em todas as fases do desenvolvimento humano sob uma multiplicidade de formas, é a libido, ou seja, a energia sexual em diferentes partes do corpo.

O desenvolvimento sexual em sua dimensão psicológica ocorre seguindo algumas fases, que de certa forma, também acompanham o desenvolvimento biológico, e sob a ótica da psicanálise já existe manifestação da sexualidade a partir do nascimento. Na criança, ela vai se fixando em regiões erógenas diversas por apresentarem diferentes necessidades fisiológicas, que podem mais tarde se separar da sexualidade. Segundo essas necessidades, verificamos no desenvolvimento infantil cinco etapas ou fases: a oral, a anal, a fálica, a edípica e a de latência (FREUD, 1979).

A primeira fase do desenvolvimento sexual infantil, denominada de fase oral, ocorre entre o terceiro ou quarto mês de vida, nos quais, a criança descobre o prazer no fenômeno da sucção associado ao prazer da nutrição, caracterizando assim, a boca como zona erógena. Já a fase anal ou esfínteriana desenvolve-se a partir do primeiro ano e tem como característica o controle do esfíncter anal pela criança, o que passa a ser a primeira experiência de controle sobre seu corpo, e, por sua vez, a fase genital ou fálica, que se dá por volta dos três anos, caracteriza-se pelo auto-erotismo. É um período muito importante, porque possibilita que a criança comece a tomar consciência de si, do seu corpo.

No que diz respeito à fase edípica, nela se constrói e se soluciona o Complexo de Édipo, e apesar de ser simultânea com a fase genital, costuma ser estudada separadamente. Para que a criança atinja a maturidade sexual desta fase é necessário estabelecer a primazia da região genital sobre as outras regiões erógenas que permanecerão, entretanto, subordinadas à região genital, e deve ainda, passar do auto-erotismo ao amor objetal, relacionado à procura do outro. A resolução deste complexo se dá a partir do momento de aceitação da própria sexualidade e da relação que estabelece com o objeto externo. Esse processo desenvolve-se mediante a identificação com o progenitor do mesmo sexo, e em seguida estabelece-se a última fase do desenvolvimento sexual infantil denominada de período de latência. Neste, a criança aprende as formas de sociabilidade e a energia sexual é deslocada para as atividades intelectuais e esportivas (FREUD, 1979).

É importante lembrar que o desenvolvimento de cada uma dessas fases servirá de base para a construção da sexualidade, motivo pelo qual julgava-se ser importante a resolução delas (FREUD, 1979). Contudo, o autor afirma que podem ocorrer algumas variações de ordem cronológica e de eventos característicos de cada fase que terão um sentido muito importante no desenvolvimento do ser humano. Cabe destacar que, a partir da fase fálica ou genital, as diferenças começam a existir no desenvolvimento da sexualidade no menino e na menina.

O desenvolvimento da sexualidade continua na adolescência e direciona-se para o próprio corpo e para o corpo do outro. Ocorre o surgimento dos caracteres sexuais secundários que leva a uma transformação mais rápida da dimensão biológica do que da psicológica e social. Isto significa que o corpo modifica-se e prepara-se rapidamente para a vida adulta. Entretanto, a mente e os

relacionamentos não acompanham o mesmo ritmo, podendo acarretar dificuldades nas relações, no estabelecimento do diálogo com pares diferentes.

Na adolescência ocorrem diversas mudanças, uma vez que passará da fase infantil para a adulta, e nessa transição encontram-se transformações do corpo, na qual a manifestação da sexualidade não só está presente, mas apresenta-se como divisor de etapas. Elas fazem parte do processo de construção da identidade do adolescente e que o leva ao convívio em grupos, reforçando os vínculos de amizade com seres humanos do mesmo sexo. É nesse período que o interesse pelo outro leva vários adolescentes a terem sua primeira experiência relacionada com o ato sexual (LOPES, 1993; SOUZA, 2000; VIDAL, 2002). Convém destacar que as transformações ocorrem durante toda a trajetória de vida, contudo, em nenhum outro momento, elas são tão rápidas como na adolescência, visto que, em um prazo de 6 a 8 anos, o corpo deixa de ser criança e se transforma em adulto.

Na literatura encontramos uma fase que se inicia após a adolescência e é denominada juventude, compreendida como o período que vai dos 18 aos 40 anos (PAPALIA & OLDS, 2000)<sup>1</sup>. Nela a dimensão psicológica se caracteriza pelo estabelecimento de relações interpessoais, mediante o diálogo interpessoal sexualizado (VIDAL, 2002), e a sexualidade direciona-se mais especificamente pela procura do outro.

A fase subsequente à juventude é a meia-idade. Nela a sexualidade é concebida como madura e pode apresentar-se de diversas formas como: a união matrimonial, a condição de solteiro, a viuvez e a virgindade consagrada. Isso significa que, a sexualidade expressa nesta fase, nada mais é do que a manifestação das experiências vivenciadas pelo corpo vivido (VIDAL, 2002).

Ao tentar compreender como ocorre o desenvolvimento da sexualidade, esquematizei mentalmente três momentos ímpares: a infância, na qual o desenvolvimento da sexualidade apresenta-se voltado para si, uma vez que ela possui características egocêntricas; a adolescência, que se caracteriza pelo descobrimento do próprio corpo, mas simultaneamente leva ao interesse pelo corpo do outro; e por último a fase adulta, na qual a sexualidade se desenvolve como uma

---

<sup>1</sup> Por ser um contexto americano, as autoras consideram a juventude a partir dos 20 até 40 anos, a meia-idade dos 40 aos 65 anos e a terceira idade a partir dos 65 anos. Para esse estudo utilizarei as mesmas etapas, contudo, adaptando as idades a nossa realidade (PAPALIA & OLDS, 2000, p. 27).

busca pelo outro, como complemento daquilo que não tem, e, nesse sentido, ela é troca.

A fase que vem a seguir é a terceira idade e, diferentemente das outras, no que se refere à temporalidade, parece apontar para o limite da nossa existência mais rapidamente, visto que o *kronos*, ou seja, o tempo cronológico torna-se fator determinante para a deterioração do corpo em sua totalidade. Por este motivo não devemos nos preocupar com ele, porquanto, o tempo mais importante no processo de envelhecimento é o *kairos*<sup>2</sup>, isto é, o tempo vivido que a cada amanhecer nos aponta para uma multiplicidade de possibilidades, que pode colorir nosso existir, transformando nossa existência em uma grande tela plena de significados que serão armazenados em nosso corpo que é “memória que guarda, retrata, conta e faz história”, uma vez que vivencia e experiencia o ser e o estar no mundo (LABRONICI, 2002, p. 20).

Destarte, o tempo gera desgaste natural do nosso corpo, porquanto são 24 horas por dia o coração batendo, o pulmão inspirando oxigênio e expirando gás carbônico, milhares de células morrendo e se renovando, o cérebro funcionando, e assim por diante. Isso faz com que o nosso corpo jamais seja como ontem - o aqui e agora se configuram como uma sucessão de momentos únicos, singulares que desencadeiam uma multiplicidade de ações e reações (LABRONICI, 2002).

Todas as transformações que acontecem no corpo afetam a sua multidimensionalidade, e, neste sentido, podemos pensar nos mitos<sup>3</sup> e preconceitos que permeiam a afetividade e sexualidade do idoso, visto que ela, no senso comum, parece estar em declínio ou ser inexistente, e até mesmo sem função. Historicamente, a compreensão da sexualidade esteve e está centrada na concepção reprodutiva. Esta concepção não só limita a sexualidade como também a desvaloriza.

É interessante lembrar que, historicamente, a desvalorização da sexualidade inicia-se com a igreja cristã que considerava o ato sexual vergonhoso enquanto uma prática não reprodutiva. É nesta concepção que a sexualidade do idoso se construiu (SANTOS, 2003), razão pela qual carrega o peso da discriminação devido à existência da construção social de estereótipos assexuados

---

<sup>2</sup> Contribuição dos apontamentos realizados pela orientadora durante a banca de qualificação deste trabalho no dia 12/06/06.

<sup>3</sup> São pensamentos coletivos, geralmente, invenções populares que servem de proteção da angústia ante o desconhecido (LOPES & MAIA, 2000, p. 21).

representando o envelhecimento, de forma que, o exercício dos relacionamentos afetivos e sexuais torna-se prejudicado e de alguma forma reprimido, criando dificuldades em perceber e permitir o exercício da sexualidade após o período de procriação (RISMAN, 2005). Por vezes, o preconceito permite o entendimento de que a andropausa e a menopausa são os responsáveis pelas dificuldades sexuais, o que impede de perceber que a sexualidade do idoso está além das limitações físicas. Este impedimento surge em nível psicológico e social, e, de certa forma, o preconceito que habita os jovens ao refutarem a sexualidade do idoso, também pode ser encontrado neles mesmos acerca de sua própria sexualidade (SANTOS, 2003).

No que diz respeito à dimensão sociocultural, a sexualidade “representa um conjunto de valores e práticas corporais culturalmente legitimadas na história da humanidade” (GONÇALVES, 2005, p. 112). Por este motivo sua construção é mutável, isto é, além de ser socialmente construída, modifica-se conforme a cultura e ao longo da história, envolvendo também a percepção do próprio corpo. Assim, ser homem ou mulher ultrapassa a dimensão biológica. O que recebemos ao nascer é um *status* feminino ou masculino e a sociedade espera que a pessoa tenha um comportamento compatível com ele, e isso é denominado papel sexual. Esse fato trata de uma identificação socioantropológica, na qual a criança passa a ser enquadrada dentro de estruturas próprias de cada sociedade, que definem o que é ser masculino e o que é ser feminino (CAVALCANTI, 1996).

O exercício da sexualidade possibilita diversas formas de manifestação da corporeidade que é expressão do corpo, que me faz existir e tomar consciência de mim, do outro e do mundo. Essa consciência possibilita a percepção de tudo que está a minha volta, das singularidades, das diferentes relações que posso estabelecer comigo e com o outro, mediante uma postura aberta, flexível e sensível que propiciará conhecer e experimentar sentimentos de amor e ódio, de pertença e exclusão, sensações de prazer e dor, porquanto o corpo é objeto sensível, é veículo do ser no mundo (MERLEAU-PONTY, 1990; 1999).

Ao mergulharmos na história, para ampliarmos a compreensão de como se deu a construção da sexualidade, percebemos que seu significado vai modificando-se nos diversos contextos históricos. Ora apresentava-se carregada de repressão, preconceitos, mitos e tabus, ora com liberdade sexual (LOPES & MAIA, 2000). Nesse sentido, a sexualidade possui múltiplas formas de manifestação durante a trajetória existencial e que são influenciadas pela cultura.

É importante salientar que cultura pode ser compreendida como forma de organização de uma sociedade, seus costumes e tradições transmitidas de geração a geração, ou seja, é a manifestação de padrões de comportamento aprendidos e desenvolvidos pelo ser humano no processo de interação social (HELMAN, 2003). Sendo assim, percebo que as formas de manifestar a sexualidade mudam no decorrer da trajetória existencial, mesmo ao longo da história da humanidade e nas diferentes culturas.

A cultura influencia a construção da sexualidade que ocorre no corpo coletivo, uma vez que é este quem estabelece normas e comportamentos, cria tabus, mitos e preconceitos. Ao olhar para a cultura ocidental, constituída por traços judaico-cristãos, é possível reconhecer suas peculiaridades no que se refere à sexualidade, logo, teve suas conotações moldadas pela história e religião.

No que diz respeito ao idoso, a história deu conta de construir o mito da sua assexualidade, tendo como referência o adulto viril. Dessa forma, toda mudança física decorrente do processo de desenvolvimento do ser humano em sua trajetória existencial traria a diminuição, ou até mesmo o desaparecimento do desejo, e aos que tentassem manifestar a sua sexualidade sofreriam a decepção das dificuldades impostas pela idade (RISMAN, 2005).

Na antiga Grécia, o exercício da sexualidade entre homens e mulheres foi construído em torno da procriação. Alguns escritos de Aristóteles descrevem que a saúde era vista como mais importante que o amor, motivo pelo qual, caberia ao Estado determinar a idade mínima e máxima para a atividade sexual, uma vez que “filhos de pais muito jovens nascem imperfeitos de corpo e de alma, e os de pais excessivamente idosos são débeis; conseqüentemente, este período deve ser limitado à fase de plenitude mental” (RISMAN, 2005).

O que podemos perceber é que, de alguma forma, havia razões para tal proposição, mas que por outro lado, apresentava-se preconceituosa e discriminatória em relação ao idoso, uma vez que nessa sociedade ele era valorizado porque, ao possuir experiência e sabedoria, transmitia as tradições para os mais jovens. No período mítico, os idosos eram conhecedores profundos dos mitos e o repassavam oralmente aos mais jovens para garantir a perpetuação da cultura e dos conhecimentos adquiridos de geração a geração (OLIVEIRA, 2000).

No que diz respeito à crença no Criador, a visão criacionista<sup>4</sup>, remete a uma criação dotada de sexualidade, que era vista como algo bom, puro, ingênuo, uma vez que Adão e Eva estavam nus e não se envergonhavam, o que resulta no desembaraço entre os corpos. Tudo estaria tranquilo, se não fosse o homem ter adquirido consciência do bem e do mal. A partir daí iniciou a desigualdade entre os gêneros, e a mulher passou a ser dominada pelo homem (BÍBLIA, 1995; SNOEK, 1981).

Na visão Patrística<sup>5</sup>, que abrange os pensadores cristãos no primeiro século, a sexualidade passa a receber influências platônicas, na qual o homem não está em seu estado natural. Ela é compreendida como produto do corpo, e portanto, é tida como pecaminosa encontrando no matrimônio a redenção, por meio da prole, da fidelidade e do sacramento como juramento e compromisso definitivo (SNOEK, 1981). Nesse contexto, ela era permitida apenas para a procriação, e os indivíduos mais velhos que não poderiam mais desenvolver a sua prole eram tidos como sofrendores, visto que possuíam o desejo, mas não teriam a permissão de exercê-lo. Esse aspecto retrata algumas formas de preconceito visto ainda hoje (RISMAN, 2005).

No período medieval, constituiu-se o celibato eclesiástico, o qual foi imposto por uma razão econômica e não por ordenança divina, e a devoção mariana, a qual valorizava a castidade. Neste sentido, pensar em sexualidade fora de padrões reprodutivos do casamento era visto como prática pecaminosa. Assim, os idosos estavam excluídos do exercício de sua sexualidade devido à impossibilidade da fecundação. Apesar dessa repressão, houve várias formas de desenvolver a sexualidade extramatrimonial, e isso se manteve até aproximadamente o ano 1540 com o advento do puritanismo, ou seja, uma doutrina que busca o resgate da moralidade humana. Esse período passa a ser marcado pela inibição da nudez, polidez da linguagem, combate à masturbação e educação diferenciada para crianças, pelo fato de considerar determinados temas impróprios para elas. Tal situação se mantém até surgir a revolução sexual a partir de 1870 (SNOEK, 1981).

---

<sup>4</sup> Teoria explicativa da origem dos seres vivos que se refere à intervenção do poder divino. Essa forma de pensar vigorou até o século XVIII (THINES & LEMPEREUR, 1970, p. 223).

<sup>5</sup> Filosofia cristã formulada pelos padres cristãos nos primeiros cinco séculos de nossa era, buscando combater a descrença e o paganismo por meio de uma apologética da nova religião, calcando-se frequentemente em argumentos e conceitos procedentes da filosofia grega (HOUAISS, 2001, p. 2151).



A revolução sexual inicia-se no período moderno e Snoek (1981) a divide didaticamente em três fases: a primeira chamada de revolução dos artistas e dos cientistas (1870-1914) na qual a sexologia dá os seus primeiros passos e já se falava na libertação da mulher; a próxima é chamada de revolução da elite intelectual (1918-1940), momento no qual as relações matrimoniais e várias outras relações sobre sexualidade, passaram a ser questionadas da forma como vinham sendo desenvolvidas, ou seja, foi um momento em que vários pensadores refletiram sobre o tema sexualidade; a última fase denominada de revolução sexual das massas populares (1945 até hoje) veio derrubar praticamente todos os tabus a respeito da sexualidade; o sexo torna-se artigo de consumo, confere-se uma maior liberdade à busca do prazer. Devido a essa revolução, vivemos atualmente um momento no qual a manifestação da sexualidade é expressa em sua diversidade, de forma mais aberta.

Apesar das mudanças vividas, a construção da sexualidade ainda se dá sob a forma de mito e preconceito, e ao referir-me à sexualidade do idoso, esse fato parece persistir.

No que diz respeito aos estudos referentes à sexualidade do idoso, encontraremos trabalhos a partir de 1960, sendo que em sua maioria investigam a dimensão biológica da sexualidade (CAPOIECI, 2000).

### ***3. A TRAJETÓRIA METODOLÓGICA PERCORRIDA***

A escolha do caminho a ser percorrido deve ir ao encontro do objeto a ser investigado, uma vez que ele determina o tipo de pesquisa. Dessa maneira, esta pesquisa é qualitativa de abordagem fenomenológica hermenêutica, fundamentada nos conceitos percepção, corpo e corporeidade do filósofo Maurice Merleau-Ponty. Para o autor, o ser humano é corpo, consciência encarnada, constituído de carne.

A carne não é matéria, nem substância, “consiste no envolvimento do visível sobre o corpo vidente, do tangível sobre o corpo tangente, atestado, sobretudo, quando o corpo se vê, se toca vendo e tocando as coisas”, de forma simultânea (MERLEAU-PONTY, 2005, p. 141). Assim, o corpo também é compreendido como janela que se abre para o mundo, através da qual se percebe o mundo e com o qual interage. Não se trata simplesmente de um corpo objeto, mas corpo objeto sensível que percebe e é percebido, porquanto, a percepção é acesso do corpo ao mundo, ao saber, ao conhecimento. Ela nos permite uma compreensão e visão de mundo, uma vez que passa pelo corpo.

É importante salientar que para Merleau-Ponty (1999) não temos corpo, somos corpo, e tudo o que sabemos do mundo, mesmo que por meio da ciência, o sabemos a partir de uma visão individual do mundo ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não nos diriam nada, ou seja, tudo o que sabemos, o sabemos por intermédio do corpo. Nessa concepção a percepção do cotidiano apresenta-se como um mosaico “de um conjunto de objetos distintos”, isso devido à “recordação de experiências anteriores”, ou seja, o saber (MERLEAU-PONTY, 1990, p. 25).

Há um paradoxo revelado pela percepção: o paradoxo da imanência e da transcendência. “Imanência, posto que o percebido não poderia ser estranho àquele que percebe; transcendência, posto que comporta sempre um além do que está imediatamente dado”, ou seja, ela se constrói em uma visão de mundo. Na experiência vivida, o que percebo é algo que me é dado e que já tem um significado, nada que percebo no mundo é ausente de significado. A visão de mundo só é possível “porque de início temos experiência dele” (MERLEAU-PONTY, 1999;1990, p. 48-9).

Nos estudos fenomenológicos, a percepção se constitui pedra angular da compreensão e concepção da realidade e do conhecimento. Ela, portanto, é o acesso à experiência originária, na qual unem-se consciência e mundo vivido (FRANÇA FILHO, 2003).

A percepção que não pode ser decomposta como reunião das partes ou de sensações (MERLEAU-PONTY, 1990, p. 47) passa pela consciência, visto que, refere-se a um estado de alerta para o mundo, motivo pelo qual é sempre consciência de alguma coisa (MARTINS, 1992). Assim, “toda consciência é perceptiva, mesmo que a consciência de nós mesmos”, ou seja, consciência de que somos corpo. Ela é “o fundo sempre pressuposto por toda a racionalidade, todo valor e toda existência” (MERLEAU-PONTY, 1990, p. 42; 1999). A consciência perceptiva é ao mesmo tempo consciência de si e consciência do mundo (FRANÇA FILHO, 2003). Nesse sentido, o percebido se coloca não como verdade a toda inteligência, mas como real para todo sujeito que partilha essa percepção, assim ela torna-se o início do conhecimento do mundo e como o ato que liga o corpo ao exterior.

“É preciso, pois que pela percepção do outro, eu me ache colocado em relação com o outro eu que esteja em princípio aberto às mesmas verdades que eu, em relação com o mesmo ser que eu. E essa percepção se realiza, do fundo de minha subjetividade vejo aparecer uma outra subjetividade investida de direitos iguais, porque no meu campo perceptivo se esboça a conduta do outro, um comportamento que eu compreendo, a palavra do outro, um pensamento que eu abraço e de que aquele outro, nascido no meio de meus fenômenos, se apropria, tratando-o segundo as condutas típicas de que eu próprio tenho a experiência” (MERLEAU-PONTY, 1990, p. 50-51).

Para o autor, o ato perceptivo não se apresenta ingênuo de intencionalidade, como também não se trata apenas de mera operação intelectual. É a percepção que faz surgir o mundo, que aparece tal qual foi percebido como mundo fenomenal (MERLEAU-PONTY, 1990).

Percepção e o que é percebido “têm a mesma modalidade existencial”, isto significa que não podemos separar da percepção a consciência que ela tem de atingir a coisa mesma. Desse modo, perceber é perceber algo (FRANÇA FILHO, 2003, p. 107) e a consciência perceptiva é consciência de algo.

Verifica-se que este referencial se constrói sobre o tripé percepção, consciência e corpo (sujeito) compreendido como objeto sensível, corpo vivido, dotado de percepção e consciência. Ele é o local de troca e de interação com o meio e com o outro; é por meio do corpo que percebo o outro e o mundo, que tenho experiência desse, que percebo o vivido, ou seja, tomo consciência dele. Nesse contexto, “o corpo é o conjunto de significações experienciadas durante a trajetória existencial que passam a fazer parte do nosso ser, da nossa bagagem cultural e

histórica e que fazem do corpo "memória", memória que guarda, retrata e conta história" (LABRONICI, 2002, p. 20). Isso significa que, ele é o lugar onde tudo permanece; do fazer ver e da fala e onde tudo se mostra (MERLEAU-PONTY, 1999; 2005); o corpo é o primeiro e único lugar da experiência humana (LABRONICI, 2002) que se expressa mediante sua corporeidade. Esta é:

"condição humana e modo de ser que caracteriza o homem na sua existência, é o contido em toda dimensão humana. É ser flexível, é estar disponível e aberto para o outro e para o mundo; é o resgate do corpo, é o existir, é a história de cada um de nós, que se funde com o outro que também é corpo vivo, que traz na sua bagagem cultural suas crenças, seus valores e sua visão de mundo, num processo de recruzamento" (POLAK, 1996, p. 46)

Ao tomar o discurso do corpo vivo que revela a sua experiência, e o olhar fenomenológico que busca a essência, estou falando da expressão do corpo, isto é, da corporeidade. Assim, nesse referencial filosófico, a experiência não provém dos nossos antepassados, nem do meio físico e social, ela se move em direção a eles e os sustenta (MERLEAU-PONTY, 1999), o que permite adotar o corpo realmente como corpo vivo e livre para expressar sua visão de mundo, suas crenças e valores, isto é, sua corporeidade. A corporeidade é o que expressa a essência do corpo que vê e é visto, que toca e é tocado, que sente e é sentido, porque é sensível (MERLEAU-PONTY, 2005), ou seja, ela é a expressão do corpo.

O corpo constitui a base de toda experiência humana, e é possuidor de uma intencionalidade operante que faz brotar o sentido. Essa intencionalidade é um movimento de presença no mundo e ao mundo, e apresenta-se como característica fundamental do corpo próprio (FRANÇA FILHO, 2003).

Esse corpo é o que me permite experimentar o mundo, além de que é produtor e portador de significados (LABRONICI, 2002), e quando queremos desvelá-los, compreendermos determinado fenômeno vivenciado pelo corpo vivo mediante investigação científica, devemos utilizar a pesquisa qualitativa.

É interessante elucidar que a pesquisa qualitativa busca compreender as experiências vividas, porque são preces de significados que são atribuídos por quem a vivencia e que emergem do contexto da vida. Assim, "ela trabalha com o universo de significados, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis" (MINAYO, 2004, p. 21).

As pesquisas qualitativas de outra natureza assim como a fenomenológica baseiam-se no princípio de que “os conhecimentos sobre os indivíduos só são possíveis com a descrição da experiência humana, tal como ela é vivida e tal como ela é definida por seus próprios atores.” (POLIT & HUNGLER, 1995, p. 270). Elas trabalham com dados não quantificáveis, coletam e analisam materiais pouco estruturados, mas que produzem grande quantidade de material narrativo (HANDEM, MATIOLO & PEREIRA, 2004). Seus objetos de estudos não são mensuráveis e visíveis, uma vez que surgem da compreensão dos sujeitos atribuídos ao fenômeno (GOMES, 2005).

De uma forma geral, as pesquisas qualitativas procuram a compreensão particular do objeto estudado, não se preocupam com generalizações. Sua forma de coleta de dados é a comunicação entre sujeitos e o tratamento é feito por meio da hermenêutica<sup>6</sup>, ou seja, da interpretação, que é compreendida como o modo de aclaramento dos sentidos e significados da palavra, das sentenças e dos textos e que é desencadeada pela percepção. A generalização é abandonada e o foco da atenção investigativa é “centrado no específico, no peculiar, no individual, almejando sempre a compreensão e não a explicação dos fenômenos estudados”. Esse modelo de pesquisa deve, portanto, “substituir as correlações estatísticas pelas descrições individuais e as conexões causais objetivas pelas interpretações subjetivas oriundas das experiências vividas” (MARTINS; BICUDO, 1989, p. 23-24).

A pesquisa qualitativa fenomenológica busca a compreensão dos fenômenos presentes no mundo. Nesse sentido, a Fenomenologia enquanto estudo do fenômeno que é algo concreto e não um ideal deduzido, é a realidade própria do mundo humano e a existencialização do sentido que passa a ser parte estrutural da consciência (LABRONICI, 2002); é uma filosofia que repõe as essências na existência (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 1), que recoloca o homem em sua condição existencial, partindo de seu mundo e aceitando o seu caráter de mutabilidade e relatividade (SANTOS & POKLADEK, 2004). Nela,

“o investigador, de início, está preocupado com a natureza do que vai investigar, de tal modo que não existe, para ele, uma compreensão prévia do fenômeno. Ele não possui princípios explicativos, teorias ou qualquer indicação definidora

---

<sup>6</sup> Hermenêutica vem da palavra grega “hermeneuō” que significa interpretar, traduzir ou falar com clareza. Essa expressão vem de Hermes, que segundo a mitologia grega era conhecido por seus discursos eloqüentes, sendo porta-voz de Zeus e de outros deuses. Sua função era transformar o que estava além do entendimento humano em algo que a inteligência humana pudesse assimilar (OLIVEIRA, 2004, p. 19).

do fenômeno. Inicia o seu trabalho interrogando o fenômeno. Isso quer dizer que ele não conhece as características essenciais do fenômeno que pretende estudar” (MARTINS e BICUDO, 1898, p. 92).

A fenomenologia também pode ser compreendida como voltar às coisas mesmas, “o que significa retornar aonde elas são vividas e onde elas cobram sentido para a vida e para a existência” (JOSGRILBERG, 2004, p. 34). Assim, descreve como alguém se orienta para a experiência vivida, uma vez que está interessada no mundo significativo do ser humano. Sob essa ótica, podemos afirmar que é sempre um questionamento do modo como experienciamos o mundo; ela é uma tentativa de desvelar e descrever as estruturas de significados internos da experiência vivida. Dessa maneira, o foco de indagação fenomenológica é o fenômeno vivenciado pelo sujeito e como eles interpretam essa vivência (POLIT & HUNGLER, 1995, p. 270).

O método fenomenológico é um processo de aprendizado e de construção de significado da experiência humana por meio do diálogo intensivo com pessoas que estão vivendo a experiência (LOBIONDO-WOOD; HABER 2001, p.127). Assim, a pesquisa fenomenológica nada mais é do que o estudo da experiência vivida obtida mediante a descrição de fenômenos tais quais se apresentam à consciência, visto que esta é o único acesso que os seres humanos têm para o mundo. É a partir da consciência voltada para o fenômeno que emerge a intencionalidade, a abertura do ser ao mundo, ou seja, a relação entre o homem e o mundo, o sujeito e o objeto (VAN MANEN, 1990).

A intencionalidade é dirigir-se a algo, de forma a entrar em contato com um objeto ou de estabelecer referências entre consciência e o objeto (MARTINS, BOEMER & FERRAZ, 1990). Segundo esses autores, toda ação humana é intencionalidade e é um comportamento dirigido a alguma coisa no mundo, ou seja, refere-se a uma direção da consciência. Dessa forma, é a condição de possibilidade para que toda experiência possa assumir forma, pois é mediante ela que os fenômenos surgem (MARTINS, 1992).

É interessante ressaltar que a pesquisa fenomenológica não procura explicar os fenômenos como acontece com outras ciências, mas sim descrevê-los. Contudo, faz-se necessária a interpretação dos significados contidos na descrição para que se possa compreender e chegar à essência do fenômeno ou da experiência existencial. Nesse contexto, a arte da interpretação das estruturas de significados, ou seja, a

hermenêutica é imprescindível, porque possibilita transcender a descrição do fenômeno. Isto significa que, ela passa a ser a interpretação de uma realidade e uma interpretação daquele que fala dela. Portanto, a interpretação e a compreensão que possibilitam desvelar a essência do fenômeno, estão intimamente interligadas.

Chegar à essência, por sua vez, é esclarecer o mundo como ele é e se apresenta, trata-se de colocar o mundo a ser conhecido como um fim, um objetivo a ser alcançado. O mundo é o que está em nossa percepção, não sendo construído por apenas o que cogito, mas pelo que vivo. Essa comunicação com o mundo subentende uma intencionalidade, que necessariamente refere-se a uma direção da consciência, uma vez que “consciência é sempre consciência de ...” (MARTINS, 1992, p. 61). Dessa maneira, ela emerge da relação entre o sujeito e o objeto, ou seja, da consciência voltada para o fenômeno. Esta relação entre consciência, fonte de significado para o mundo e fenômeno, torna sujeito e objeto inseparáveis.

### 3.1 PROCESSO DE OBTENÇÃO E REGISTRO DOS DISCURSOS

O processo de obtenção dos discursos ocorreu por meio de entrevista semi-estruturada gravada em meio digital, e foi conduzido segundo o modelo de amostragem proposto por Turato (2003) denominado de “bola de neve”, na qual o pesquisador entrevista um sujeito escolhido conforme critérios da pesquisa ou indicado, dependendo do tema em estudo. A partir do material coletado, transcrito e analisado, foi apresentada uma delineação inicial de compreensão do problema. O próximo passo foi entrevistar um segundo sujeito, recomendado pelo primeiro. Em seguida, o material foi trabalhado da mesma maneira que o anterior. Esse processo foi seguido sucessivamente até que o tema proposto se esgotasse e não mais se encontrasse algo novo (TURATO, 2003). Como essa pesquisa era com idosos, a pessoa indicada para a entrevista seguinte deveria ter idade igual ou superior a 60 anos para que pudesse participar voluntariamente.

Destaco que na pesquisa fenomenológica o discurso ou a descrição é de fundamental importância porque contém a essência do que se busca conhecer e a intencionalidade do ser humano. Dessa forma, a entrevista é um instrumento de conhecimento interpessoal, é um momento de encontro face a face, no qual pode



ocorrer a apreensão de diversos fenômenos (TURATO, 2003), mediante a hermenêutica.

Na hermenêutica fenomenológica das ciências humanas, a entrevista presta-se a objetivos bem específicos: (1) Pode ser usada como meio de exploração e coleta experimental de material narrativo que pode servir como um recurso para o desenvolvimento de uma compreensão mais profunda e rica do fenômeno humano e (2) pode ser usada como um veículo para desenvolver uma relação de conversa com um parceiro (entrevistado) sobre o significado de uma experiência (VAN MANEN, 1990, p. 66)<sup>7</sup>.

A entrevista é um encontro intencional entre corporeidades que se percebem. Contudo, para que o pesquisador consiga perceber o outro, penetrar no seu mundo privado, na sua subjetividade, é imprescindível ser flexível, ter uma postura aberta, um olhar e uma escuta atentos (LABRONICI, 2002). Isto possibilitará que o entrevistado se sinta menos tenso; porquanto, falar, descrever uma situação experienciada, nem sempre é fácil, e às vezes pode fazer vir à tona sentimentos permeados por emoções que deixaram marcas em seu corpo. Ela apresenta algumas características, tais como a empatia, a intuição e a imaginação (MARTINS & BICUDO, 1989).

A empatia<sup>8</sup> “é uma penetração mútua de percepções” (MARTINS & BICUDO, 1989, p. 53). No momento da entrevista ela é imprescindível, uma vez que possibilita “estar com” o outro e presenciar a sua experiência, a experiência do corpo vivido.

No que diz respeito à intuição, ela “é uma forma de contemplação”, e o que nela se apresenta é o que é aceito e o que é dado. Só será possível perceber o outro contemplando suas experiências vividas (MARTINS & BICUDO, 1989, p. 53). Por fim, a imaginação do entrevistado pode fluir da mesma maneira que a do entrevistador. “Pode-se imaginar quais são os dados reais e quais os fabricados e produzidos pelos entrevistados”, visto que ela nada mais é do que a representação do real (MARTINS & BICUDO, 1989, p. 53).

A entrevista teve como solicitação inicial:

**“Fale-me sobre como você vive a sua sexualidade no seu dia-a-dia”.**

E outra solicitação foi:

**“O que é sexualidade para você”.**

---

<sup>7</sup> Tradução do autor.

<sup>8</sup> Vem do radical grego “*empátheia*” que significa entrar no sentimento, ou a capacidade de perceber a experiência do outro (GOLEMAN, 1995).

Os discursos obtidos mediante as entrevistas gravadas foram transcritos na íntegra e entregues por mim a cada um dos atores que fizeram parte da pesquisa, a fim de que tomassem conhecimento, evitando, assim, qualquer tipo de distorção.

### **3.1.1 Cenário**

A pesquisa não ocorreu no mesmo local, porque os atores eram provenientes de indicação. O cenário foi único para cada um dos atores envolvidos na pesquisa, visto que, após contato individual, a entrevista era agendada e o local determinado por eles. Aconteceram nos domicílios, em clube e no local de trabalho, na cidade de Curitiba.

### **3.1.2 Os atores da pesquisa**

O conjunto de atores que compôs a pesquisa foi constituído de 10 idosos sendo 01 viúva, 71 anos, cabeleireira aposentada, mas que ainda exerce a função, católica (F I); 01 divorciada, 61 anos, professora de educação física, aposentada, católica (F II); 01 casada, 65 anos, do lar, católica (F III); 01 viúva, 69 anos, do lar, pensionista, católica (F IV); 01 viúvo, 83 anos, reformado da Força Aérea Brasileira, católico (M V); 01 casado, 65 anos, aposentado, ex-comerciante, católico (M VI); 01 viúvo, 64 anos, fazendeiro aposentado, católico (M VII); 01 casado, 63 anos, motorista, evangélico (M VIII); 01 casado, 71 anos, aposentado, ex-comerciante, católico (M IX); 01 casado, 61 anos, desempregado, técnico administrativo, evangélico (M X).

A primeira atriz da pesquisa foi indicada por minha orientadora e na sequência das indicações alguns não desejaram participar, motivo pelo qual foi necessário procurar um novo informante para dar continuidade às entrevistas. O contato inicial acontecia por telefone. Apresentava-me como enfermeiro e aluno do curso de mestrado da Universidade Federal do Paraná que estava desenvolvendo uma pesquisa sobre sexualidade. Perguntava se gostaria de fazer parte dela, e em caso afirmativo, combinava o agendamento para a realização da entrevista.

Cabe salientar que, na pesquisa qualitativa, a amostra não tende a ser numerosa e os pesquisadores evitam impor controles à pesquisa (POLIT & HUNGLER, 1995).

### **3.1.3 Delimitação temporal da pesquisa**

As dez entrevistas foram realizadas no período de janeiro a julho de 2006.

### **3.1.4 Aspectos éticos**

Por se tratar de uma pesquisa que envolve seres humanos, no que diz respeito aos aspectos éticos, o projeto segue a Resolução 196/96 do Ministério da Saúde, foi encaminhado ao Comitê de Ética do Setor de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Paraná para avaliação e parecer, e aprovado em 23 de novembro de 2005 (ANEXO I).

Antes de dar início às entrevistas, elucidei a pesquisa, seu objetivo; li e expliquei o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), o motivo da gravação; solicitei que assinassem as duas vias do TCLE e entreguei-lhes uma. O anonimato dos atores participantes foi garantido mediante a utilização das iniciais F para indicar participante feminina e M para masculino seguido de algarismos romanos de I a X para identificação dos discursos, sendo de I a IV para os participantes do sexo feminino e V a X para os masculinos, seguindo a ordem apresentada no item 3.1.2.

## **3.2 PROCESSO DE ANÁLISE DOS DISCURSOS**

A análise dos discursos foi fundamentada na trajetória fenomenológica proposta por Martins (1992) constituída por três momentos: **descrição, redução e compreensão**.

A descrição, que assume a forma de texto na pesquisa fenomenológica “é um procedimento para obter dados que deverão ser analisados e interpretados

fenomenologicamente, visando à busca da essência e de sua transcendência, posta em termos contextuais” (BICUDO, 2000, p. 75). Ela é a investigação daquilo que se mostra e que é possível ser descoberto, mas nem sempre é visto: dá-se mediante o discurso ingênuo do sujeito, fornecendo a indicação de como o sujeito percebe determinado fenômeno (LABRONICI, 2002). Os discursos se caracterizam como forma de aproximação do fenômeno investigado (BICUDO, 2000). Esse é o momento de descrever a natureza da experiência tal como ela é vivida pelo corpo vivente (MERLEAU-PONTY, 1999).

É importante lembrar que a descrição apresenta-se como ponto fundamental do método fenomenológico, uma vez que é a forma de ir às coisas mesmas (MARTINS, 1992). O autor fundamentado em Maurice Merleau-Ponty afirma que ela possui três elementos:

“a percepção que assume uma primazia no processo reflexivo; a consciência que se direciona para o mundo-vida, isto é, consciência do *corps propre*, ou seja, do corpo vivido, consciência esta que é a descoberta da subjetividade e da intersubjetividade; e o sujeito, pessoa ou indivíduo que se vê capaz de experienciar o corpo vivido por meio da consciência que é a conexão entre o indivíduo, os outros e o mundo” (MARTINS, 1992, p. 59).

A descrição, como primeiro momento da trajetória fenomenológica é caracterizada pela *epoché*, que significa pôr em suspensão ou entre parênteses (MARTINS, 1992). O fenômeno, que é aquilo que se mostra, ou que se manifesta, é descrito como se o pesquisador não soubesse absolutamente nada a seu respeito. Esse abandona a memória, o desejo, a imaginação e valores sugeridos pelo objeto em descrição. É como descrever um cenário, em uma carta, com a maior exatidão possível sem se concentrar na preferência. Ela deve ser fiel o suficiente para que o leitor sinta-se à vontade e em condições de realizar o seu próprio julgamento.

“A tarefa de descrever desvenda progressivamente a postura de um sujeito em relação ao mundo em que vive, revelando um modo de existir. O resultado é a definição de um sentido, de uma perspectiva, enfim, de uma intencionalidade” (GOMES, 1997, p. 314-15). Isto significa que a descrição constitui um passo importante no desenvolvimento da pesquisa fenomenológica, uma vez que permite ao pesquisador o acesso à vivência original do fenômeno estudado, bem como o acesso à intencionalidade do entrevistado (GONÇALVES, 2005). Ela relata e aponta para o percebido na percepção, no fundo onde esta se dá e se expõe por meio da linguagem (BICUDO, 2002).

A linguagem assumida pela atitude fenomenológica solicita sempre uma interpretação hermenêutica, pois presentifica uma síntese unificadora, embora provisória, da coisa percebida/percepção/explicitação do percebido, trazendo em si, o mistério e a complexidade da relação signo/significado/significante/contexto cultural (BICUDO, 2002, p.79).

O momento seguinte é o da redução fenomenológica, “que se constitui da relação de um objeto com a consciência que dá sentido à existência do mesmo”. Para tanto, o fenômeno é reduzido a tal relação para melhor compreender sua essência, com isso é permitido que a experiência do corpo vivente seja dada ao que é “autenticamente manifesto”. A redução ainda pode ser entendida como um procedimento que visa a encontrar um núcleo essencial presente na experiência vivenciada (HANDEM et al., 2004, p. 30-31).

A redução eidética proposta por MERLEAU-PONTY (1999, p. 13) “é a resolução de fazer o mundo aparecer tal como ele é, antes de qualquer retorno sobre nós mesmos, é a ambição de igualar a reflexão à vida irrefletida da consciência”. A redução passa pelo ato de refletir sobre as partes da experiência que parecem possuir significados ao pesquisador (MARTINS, 1992). Essa reflexão “se manifesta como uma verdadeira criação, como uma mudança de estrutura da consciência, e cabe-lhe reconhecer, para alguém de suas próprias operações, o mundo que é dado ao sujeito, porque o sujeito é dado a si mesmo”, “e a cada momento, meu campo perceptivo é preenchido de reflexos” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 5).

No contexto fenomenológico, reduzir significa determinar e selecionar quais partes da descrição são consideradas essenciais, e o seu objetivo é isolar o objeto da consciência que constitui a experiência (MARTINS, 1992).

O último momento da análise é a compreensão fenomenológica que para Merleau-Ponty (1999) significa reapoderar-se da intenção total, não apenas aquilo que é para representar as propriedades percebidas, mas a maneira única de existir que se exprime nas propriedades dos fenômenos. É o momento no qual o pesquisador destaca da descrição e da redução, as unidades de significado, que são unidades da descrição que fazem sentido para o pesquisador, a partir de uma interrogação formulada (BICUDO, 2000; LABRONICI, 2002).

Para chegar à compreensão fenomenológica é necessário assumir o resultado da redução como um conjunto de asserções significativas para o

pesquisador, mas que apontam para a experiência do corpo vivido. Esse conjunto de asserções é o que Martins (1992) denomina de unidades de significado. A princípio, essas unidades devem ser tomadas exatamente como são propostas pelo corpo vivido que descreve o fenômeno. Em seguida, transforma-se a expressão do corpo vivido em expressão própria ao pesquisador, que sustente o seu trabalho. E, finalmente, o pesquisador desenvolve uma síntese das unidades de significados, a qual é resultante das análises das expressões do corpo vivido. O critério observado serão as convergências, divergências e idiossincrasias<sup>9</sup>.

Para iniciar a análise dos discursos ou descrições, fiz uma leitura minuciosa e atenta com o intuito de me familiarizar com o conteúdo. Em seguida, dei início à redução, lendo e relendo várias vezes cada uma delas para identificar as convergências e divergências e assim, chegar às unidades de significados, contidas na linguagem ingênua do entrevistado, que depois de serem agrupadas, foram transcritas na linguagem do pesquisador, dando origem às seguintes unidades temáticas:

**O outro como fonte de desejo, prazer e sentimentos;**

**Faces ocultas e o emergir da sexualidade;**

**O reconhecimento da modificação da expressão da sexualidade na terceira idade.**

O processo de análise que deu origem ao primeiro tema está elucidado a seguir:

---

<sup>9</sup> Disposição do temperamento do indivíduo, que faz com que ele sinta de um modo peculiar a influência de diversos agentes; maneira de ver, sentir e reagir própria de cada pessoa (EGERIA, 1979, p. 330).

### Processo de Análise

Unidades de significado na linguagem do idoso	Unidades de significado na linguagem do pesquisador	Síntese de significados (FI, FIII, FIV, MV, MVI, MVII, MX)	Tema emergente.
... Porque não é só sexo em si, né. Você tem que ter carinho, tem que ter beijos [...] Eu tenho um par de dança. Eu não danço com todos [...] O beijo é importante, o toque de pele é importante. ( FI )	A sexualidade não se resume a relação sexual e se manifesta pelo toque do outro, pela carícia.	Situações de encontro oportunizando o emergir da sexualidade.	A)  O outro como fonte de desejo, prazer e sentimentos.
Hoje o que me deixa feliz é que ele tá em casa. Ele me trata bem, me dá carinho. Ele quando a gente tem relação, ele é uma pessoa que ele fala: "Você tá cada vez ficando melhor, você era boa, mas tá ficando melhor com essa idade". [...] Toda vida nós saímos, nós saímos de mão pegada, se ele saí com a mão no bolso, eu me engancha nele. Quando a gente vai sair junto, ele sempre me esperou, nunca ele foi na frente e eu atrás, nunca. Toda vida fomos um casal" (F III).	A sexualidade é o convívio que propicia afeto, carinho e satisfação.		

Unidades de significado na linguagem do idoso	Unidades de significado na linguagem do pesquisador	Síntese de significados (FI, FIII, FIV, MV, MVI, MVII, MX)	Tema emergente.
<p>pegada, se ele saí com a mão no bolso, eu me engancha nele. Quando a gente vai sair junto, ele sempre me esperou, nunca ele foi na frente e eu atrás, nunca. Toda vida fomos um casal. [...] Quando é três horas, eu venho aqui, faço o chimarrão que ele gosta, vou lá e tomamos, ficamos nós dois juntos, par mim não tem coisa melhor do mundo, é ta junto com ele. (FIII)</p>			
<p>Sexualidade... é a carícia e o desejo, né, principalmente a carícia, é coisa que atrai o homem e atrai a mulher. É através da carícia e do conviver que você tá com a pessoa, que se torna um relacionamento melhor, porque onde entra amor e confiança na pessoa, que torna o sexo mais gostoso, e é um prazer da pessoa. (MVII)</p>	<p>A sexualidade é a carícia e o desejo expressos no convívio.</p>		



Unidades de significado na linguagem do idoso	Unidades de significado na linguagem do pesquisador	Síntese de significados (FI, FIII, FIV, MV, MVI, MVII, MX)	Tema emergente.
<p>Um ser humano é gerado através da sexualidade, [...] O jeito da natureza normal é a sexualidade. Eu acho que é normal. É o que dá prazer pro homem, pra mulher, é através do amor que acontece [...] Sexualidade...é o prazer de fazer o sexo..., pelo amor, pela vida, por gostar um do outro, né, ter prazer né, que aí que ele passa a ser uma coisa normal. (MVI)</p>	<p>A sexualidade é o ato sexual, o prazer e o amor.</p>		
<p>Sexualidade eu acho que é um complemento entre o casal que é casado, né. Um complemento de carinho e amor (FIV)</p> <p>Sexualidade... é o relacionamento entre dois seres de sexo opostos, com amor, carinho, ternura, sinceridade, lealdade e fidelidade. (MX)</p>	<p>A sexualidade é um relacionamento com amor, carinho, ternura, sinceridade, lealdade e fidelidade.</p>		

Unidades de significado na linguagem do idoso	Unidades de significado na linguagem do pesquisador	Síntese de significados (FI, FIII, FIV, MV, MVI, MVII, MX)	Tema emergente.
<p>Eu acho o seguinte, que nós os seres humanos, a não ser que tenha um grande distúrbio mental. Nós precisamos de contato, contato, Freud já vai dizer que isso é sexo. Você abraçar uma pessoa – ah isso aí já é malicioso, mas não é. É que nós precisamos de contato. Não há uma pessoa normal que não goste de contato, uma batida no ombro [...] O gosto que dá, que existe em haver um contato de ser humano a ser humano, seja de homem com homem, assim quando um amigo gosta de dar um abraço no amigo... uma festa de aniversário, que todo mundo se abraça, isso é bom, é gostoso. O homem, o ser humano necessita disso. (MV)</p>	<p>A sexualidade é contato com o outro.</p>		

#### **4. *COMPREENSÃO DO FENÔMENO***

#### 4.1 O OUTRO COMO FONTE DE DESEJO, PRAZER E SENTIMENTOS

O ser humano tem necessidade de compartilhar e viver com seus semelhantes, porque é um ser gregário por natureza e por condicionamento cultural (FERRIGNO, 1998). Esse fato apresenta-se tão intenso e ligado à vida, que sua ausência pode acarretar danos físicos e mentais, e até mesmo a morte (SCHUTZ, 1989). Dessa forma, pode ser criada uma relação de dependência, ou seja, de necessidade de estar com o outro no processo de coexistência.

A necessidade de estar com o outro pode levar ao encontro, ao relacionamento interpessoal, ao contato físico, e até a uma atração, uma vez que necessitamos nutrir e sermos nutridos, tocar e sermos tocados, ver e sermos vistos, perceber e sermos percebidos, sentir e sermos sentidos, porque somos objeto sensível (MERLEAU-PONTY, 1999). Isso se dá do nascimento até a morte, e possibilita a manifestação da sexualidade na corporeidade. Assim, a sexualidade se manifesta nas diversas formas de relações, fazendo com que a presença do outro se torne algo, ao mesmo tempo, agradável e difícil de ser dispensado (CAPODIECI, 2000; MOSER, 2001).

É interessante lembrar que BUBER (2001) compreende a vida atual como encontro, e, nesse sentido, não se refere ao tempo cronológico, mas ao instante presente da relação, que se dá somente quando existe a presença do outro. Por isso, não se trata de um encontro agendado, pois é fato peculiar no aqui e agora que implica sensibilidade e espontaneidade.

Compreendo o encontro como necessário para continuidade e manutenção da vida e que é uma necessidade dos seres vivos, muito embora o grau de necessidade do ser humano seja mais complexo que para os outros seres. Assim, o encontro foge da concepção cartesiana de tempo, ele é a temporalidade do aqui e agora, ou seja, do presenteísmo.

O encontro significa estar junto, unir-se; o contato entre corpos, ver, observar, tocar, sentir, participar, amar, compreender; conhecer intuitivamente mediante o silêncio ou ao movimento, ao beijo ou ao abraço, a palavra ou ao gesto, não é apenas uma reunião, é vivência, momento de experiência humana (MORENO apud ALMEIDA, 1988). É preciso que exista uma intencionalidade, a qual leva os corpos vivos a moverem-se em direção ao outro, de forma que, no momento de sua concretização haja uma realização. Assim, ele propicia o relacionamento

interpessoal e manifesta, segundo Schutz (1989), necessidades compreendidas por inclusão, controle e afeição.

A inclusão diz respeito a associações entre pessoas, aceitação e companhia. Trata-se de um sentimento de pertença que nos leva a ser completamente identificável, o que nos permite concluir que alguém está interessado em nós e é capaz de nos perceber e descobrir nossas características singulares armazenadas no corpo, na subjetividade. É a partir dessa descoberta que possibilitamos a criação de vínculos, desde os primeiros anos de vida. A nossa necessidade de ser e nos sentir incluso manifesta-se pelo desejo de receber atenção e efetuar interações (SCHUTZ, 1989).

O comportamento do ser humano no processo de inclusão é determinado pelo modo como se sente a respeito do que significa como existência, e esse sentimento é denominado autoconceito. Desta forma, o “eu” deve se encontrar primeiro significativo para si mesmo, e, conseqüentemente se encontrará significativo para outras pessoas. Isto significa que, a necessidade de inclusão envolverá o processo de formação de grupo, ou seja, de pertencer a um grupo, no qual procuramos identificação. Quando ela se apresenta resolvida, poderemos desfrutar de momentos prazerosos convivendo com várias pessoas, sem que isso nos traga ansiedade nem dependência, e assim, seremos capazes de compreender o nosso valor e a importância própria de ser humano (SCHUTZ, 1989).

Uma outra necessidade para a construção do encontro apresentada por Schutz (1989) é a afeição ou afeto, que se refere às emoções íntimas e de contato estreitos entre duas pessoas. Ela envolve vínculo, portanto, demonstra-se mais profunda e sensível que a inclusão. Essa necessidade, de um modo geral, será a última fase que pode emergir no desenvolvimento das relações humanas.

A construção de vínculos pode ser representada no sentido literal ou figurativo, pelo abraço entre as pessoas envolvidas, o que significa a interação afetiva existente. Esta situação ocorrerá de forma adequada, quando as interações emocionais com outras pessoas não constituem problemas, ou seja, quando não se tem medo de dar ou receber afeto.

É interessante destacar que o vínculo será formado a partir da elaboração de afeto próprio, ou amor por si mesmo, quando o ser humano descobre que é amado e capaz de amar. A partir dessa descoberta, ele abre-se para o desenvolvimento afetivo com outras pessoas. É importante para ele sentir-se

querido, desejado, amado. Contudo, se isto não for possível mediante um relacionamento, não significa que ele seja desprovido de afeto, e sim que, a necessidade de afeto é bem ajustada, será possível vivenciar relações de proximidade e de distanciamento sem que elas abalem a capacidade de se sentir amado (SCHUTZ, 1989). Esta espacialidade que propicia o ir e vir durante o processo de coexistência, possibilita vivenciar a relação “eu-tu”, e a manifestação da corporeidade entre corpos vivos.

O corpo é o primeiro e único lugar da experiência humana. Essa possibilidade concreta de existência faz com que ele seja o veículo do ser no mundo; pois, coloca-nos em movimento, em contato com o outro e com o mundo (MERLEAU-PONTY, 1999). Dele fluem nossas ações e reações, nossos desejos e prazeres, emerge uma multiplicidade de sentimentos vivenciados mediante o encontro. Desse modo, ele deixa de ser apenas um objeto de estudo da biologia e passa a ser compreendido como lugar de relações interpessoais, espaço onde ocorre a experiência humana (LABRONICI, 2002), visto que é gerador e receptor de sentimentos dinamicamente contraditórios, no qual constantemente, revela e esconde, dá e recebe, toca e é tocado, sente e é sentido, porque é objeto sensível, ele é linguagem, é fala, é expressão (MERLEAU-PONTY, 1999).

Destarte, o corpo nos permitirá não apenas a relação com o outro e com o mundo, como o conhecimento ou o saber. O modo de acesso ao saber ou ao conhecimento se dá por meio da percepção, que se faz no mundo e não na consciência, uma vez que se põe diante do meu corpo (MERLEAU-PONTY, 1999).

É importante destacar que mediante o toque, o corpo percebe e é percebido pelo outro, e isso é possível porque ele é campo perceptivo e prático, e, desse modo, a minha experiência liga-se à experiência do outro. Assim, é necessário “que pela percepção do outro eu me ache colocado em relação com um outro eu que esteja em princípio aberto às mesmas verdades que eu, em relação com o mesmo ser que eu”. E essa percepção se realiza quando, “do fundo de minha subjetividade, vejo aparecer uma outra subjetividade investida de direitos iguais, porque no meu campo perceptivo se esboça a conduta do outro, um comportamento que eu entendo, a palavra do outro, um pensamento que eu abraço” (MERLEAU-PONTY, 1990, p. 50-51). Nesse contexto, a consciência do corpo que percebe e é percebido está carregado de intencionalidade, e é a percepção que irá captar a subjetividade do outro. O outro se apresenta como vida aberta, da mesma forma que a minha, e

deste modo, se comunicam. Assim, o corpo vivente pode se colocar em uma postura de abertura deixando-se penetrar na existência do outro por meio do encontro (VIDAL, 2002).

A percepção que visa ao outro é para MERLEAU-PONTY (1999) uma percepção sexual. Todavia, a compreensão a respeito da sexualidade não se apresenta relacionada aos órgãos sexuais, mas sim ao corpo, porque algo é sexual, quando é percebido pelo corpo - consciência encarnada - quando passa a existir para a pessoa enquanto corpo vivente. Quando manifestamos a sexualidade é o corpo que se encontra envolvido em uma complexa teia de relações, e é ele como um todo que vai ao encontro, e não a parte (MOSER, 2001).

A sexualidade é a força que nos impele a abrir-nos, a sair de nós mesmos e ir ao encontro do outro e sempre será estruturada no corpo. Ao nos predisporarmos a esse processo, encontramos o outro, o “tu”, ao mesmo tempo em que nos descobrimos como “eu”. Essa relação “eu-tu” realiza-se pela união de dois corpos mediados por diversos sentimentos e desejos. Esses sentimentos permanecem entre eles unindo-os, e, desta maneira, permitindo um relacionamento que envolva afetividade (VIDAL, 2002). Assim, afetividade e sexualidade se articulam aos conceitos de relação e troca, tornando o ser humano um ser desejante, possuidor infinito de desejo (MONTEIRO, 2004; LABRONICI, 2002).

A afetividade para Moser (2001, p. 55) é um “conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagradado, de alegria ou de tristeza” (MOSER, 2001, p. 55).

Nas entrevistas realizadas, a percepção de sexualidade emergiu a partir da relação com o outro, que por sua vez, apresentou-se carregada de afetividade e como fonte de prazer. Assim, podemos compreender que para os participantes desta pesquisa a manifestação da sexualidade inclui afeto, sentimentos e relacionamentos experienciados durante toda a trajetória existencial. Isso pode ser elucidado nas falas a seguir:

“Sexualidade eu acho que é um complemento entre o casal que é casado, né. Um complemento de carinho e amor”. (F IV)

“Hoje o que me deixa feliz é que ele tá em casa. Ele me trata bem, me dá carinho. Ele quando a gente tem relação, ele é uma pessoa que ele fala: “Você ta cada vez ficando melhor, se era boa, mas ta ficando melhor que essa idade.”[...] Quando é três horas, eu venho aqui, faço o chimarrão que ele gosta, vou lá e tomamos, ficamos nós dois juntos, par mim não tem coisa melhor do mundo, é ta junto com ele”. (F III)

A sexualidade para Capodieci (2000) constitui uma dimensão afetiva, sentimental e relacional, que ocorre durante toda a existência humana. Assim, respeita-se o corpo e suas peculiaridades desenhadas a cada fase vivida. Dessa forma, a capacidade de amar, desejar e desfrutar de afetividade não está relacionada a um único período vivido, mas apresenta-se coexistente com a vida. Isto significa que não pode ser pensada e relacionada exclusivamente à genitália, mas como algo que pertence à totalidade humana, não como objeto possuído, mas como existência, porquanto somos corpos sexuados. Ela apresenta-se como linguagem que permite a comunicação entre os outros corpos assumindo uma dimensão subjetiva (VIDAL, 2002). Assim, se expressa através do corpo social (MOSER, 2001).

As entrevistas desvelaram que a sexualidade manifesta-se por meio do corpo e apresenta-se carregada de sentimentos diversos expressos pelos idosos, conforme podemos constatar nos discursos a seguir:

“Sexualidade... é o relacionamento entre dois seres de sexo oposto, com amor, carinho, ternura, sinceridade, lealdade e fidelidade”. (M X)

“...É o prazer de fazer o sexo..., pelo amor, pela vida, por gostar um do outro, né, ter prazer né, que aí que ele passa a ser uma coisa normal”. (IV)

Nessas falas, os entrevistados deixam transparecer que a sexualidade manifesta-se a partir do encontro entre dois corpos viventes que se atraem para vivenciarem diversos sentimentos. Essa relação não é construída por seres humanos que apenas caminham juntos, mas por corpos que se percebem, se sentem e se deixam sentir, amam e se deixam amar. Compreendo que nesses



fragmentos do discurso existe além da afetividade, a necessidade de estar com o outro. Assim, o relacionamento entre eles, é uma forma singular de encontro que possibilita prazer e manifestação da sexualidade (VIDAL, 2002).

O encontro apresenta algumas características tais como: a atenção detida, ou seja, aquela é dada ao outro, e permite que as demais coisas tenham menos importância; a necessidade de comunhão, que possibilita o “estar-com”, deixando florescer o desejo de presença mútua e a idealização da pessoa amada, que propicia a descoberta e a potencialização de valores, antes ocultos, ou imperceptíveis dos membros da relação (VIDAL, 2002).

Nesse contexto, podemos dizer que é o corpo que possibilita o encontro como momento de coexistência mediada pela sexualidade (MERLEAU-PONTY, 1999), na qual homens e mulheres são atraídos para a consolidação desse relacionamento. Essa relação é recíproca e permite a descoberta e construção de si e do outro, visto que, a mulher só se torna mulher sob o olhar de um homem, da mesma forma que o homem, só se torna homem sob o olhar da mulher (BEAUVOIR, 2001).

Ressalto que o relacionamento estabelecido entre os corpos vivos permite a multiplicidade de manifestação da sexualidade, e essas experiências dependem da capacidade de reconhecer e compartilhar os próprios sentimentos, atingindo a ternura e atenção mútua com o outro. Dessa maneira, sexualidade apresenta-se de forma altamente emotiva, possibilitando o descobrimento de novas experiências afetivas (CAPODIECI, 2000). Para o autor, essa “capacidade” é uma arte desenvolvida pelo tempo e adquirida ao longo dos anos de experiência em saber dar e receber afeto, o que exige conhecimento estético, sensibilidade.

A sensibilidade na terceira idade pode apresentar-se aguçada em relação às situações cotidianas devido ao acúmulo de experiências vividas, visto que a capacidade de aprender com elas não se perde, e, desse modo, é possível que justamente nesse período da vida possa se atingir uma sexualidade mais madura que transcende a genitália. Segundo CAPODIECI (2000), é possível que o idoso atinja um nível de crescimento jamais alcançado antes, dando lugar aos sentimentos e afetos, e, assim, fazer frutificar as experiências amadurecidas no percurso da vida pelo fato de amar.

Ao prosseguirmos a análise e interpretação das entrevistas, percebemos em outras falas que a sexualidade surge compreendida como prazer e sentimentos:

“Um ser humano é gerado através da sexualidade, [...] O jeito da natureza normal é a sexualidade. Eu acho que é normal. É o que dá prazer pro homem, pra mulher, é através do amor que acontece”. (M VI)

“Sexualidade eu acho que é um complemento entre o casal que é casado, né. Um complemento de carinho e amor”. (F IV)

Nessas falas emergem novamente a questão da afetividade relacionada ao amor e ao prazer. O amor aqui pode ser compreendido como o sentimento que dá sentido à sexualidade que busca a união íntima e a comunhão recíproca, vivenciada em um intercâmbio pessoal de doação e aceitação. Em uma relação estável, ele apresenta-se livre, porquanto é nascido do encontro voluntário e gratuito entre duas pessoas. É um sentimento presente no encontro (VIDAL, 2002), que se apresenta como forma de responsabilidade do “Eu” para com o “Tu” permitindo a cumplicidade entre os corpos que se amam (BUBER, 2001).

A sexualidade, como dimensão ontológica do ser humano, manifesta-se mediante os corpos que se vêem, se tocam, se percebem (LABRONICI, 2001), possibilita, segundo JOHNSON (1996), a expressão de sentimentos como fidelidade, paixão, afeição, estima, consideração e afirmação.

Na terceira idade, a manifestação da sexualidade pode se apresentar de forma diferente, o que justifica sentir prazer mediante um olhar, uma carícia ou um afago (CAPODIECI, 2000). Nessa perspectiva, encontramos as seguintes falas que podem elucidar essa percepção:

“*Sexualidade* é a carícia e o desejo, né, principalmente a carícia, é coisa que atrai o homem e atrai a mulher. É através da carícia e do conviver que você tá com a pessoa, que se torna um relacionamento melhor, porque onde entra amor e confiança na pessoa, que torna o sexo mais gostoso, e é um prazer da pessoa”. (M VII)

“O beijo é muito importante, o toque de pele é muito importante...”. (F I)

Constatamos, nos fragmentos dos discursos, a importância dada ao carinho, ao afeto e ao amor. Apesar de tais sentimentos serem necessários, tanto para casais jovens como para idosos, eles são desenvolvidos na temporalidade vivenciada a partir do encontro “eu-tu” que se constitui um nós; propicia a troca e o amadurecimento afetivo para ambos. Aqui o tempo mostra-se como aprimorador do relacionamento. Dessa forma, esses sentimentos, afetos e carinho são manifestações da sexualidade (CAPODIECI, 2000).

Outra forma encontrada de manifestação da sexualidade, expressa pelos idosos participantes desta pesquisa, foi o contato físico. Este pressupõe primeiramente o encontro, o estabelecimento de uma relação, e apresenta-se bastante expressivo no discurso a seguir:

“Eu acho o seguinte, que nós os seres humanos, a não ser que tenha um grande distúrbio mental. Nós precisamos de contato, contato, Freud já vai dizer que isso é sexo. Você abraçar uma pessoa – “Ah isso aí já é malicioso”, mas não é. É que nós precisamos de contato. Não há uma pessoa normal que não goste de contato, uma batida no ombro [...] O gosto que dá, que existe em haver um contato de ser humano a ser humano, seja de homem com homem, assim quando um amigo gosta de dar um abraço no amigo... uma festa de aniversário, que todo mundo se abraça, isso é bom, é gostoso. O homem, o ser humano necessita disso”.  
(M V)

A função do tato é uma forma rudimentar e simples do encontro interpessoal, que confere uma profunda experiência de companhia, de presença do outro. Conforme Vidal (2002), esse contato pode ser denominado como carícia hedonista ou benéfica. A carícia hedônica procura o próprio prazer de quem a executa, enquanto que a benéfica proporciona alívio e prazer à pessoa acariciada. Nesse sentido, o beijo e o abraço são vistos por esse autor como formas de carícia. Para Schutz (1989), o abraço é concebido como uma representação da nossa necessidade afetiva, e pode ser constatado na fala anterior, em que o entrevistado atribuiu como um gesto prazeroso, e, assim, como forma de manifestação da sexualidade.

Atitudes como o abraço, o beijo, conversas amorosas, arrumar-se de forma a sentir-se atraente e acariciar o corpo são formas de manifestação da sexualidade para o idoso, conforme apresenta Johnson (1996), em um estudo realizado no qual demonstrou a multidimensionalidade do comportamento sexual da pessoa idosa, em que várias atividades foram tidas como prazerosas, e não prioritariamente a relação sexual. Esse dado reforça que, para o idoso, as expressões de afeto representam manifestações significativas da sexualidade. Mesmo o fato de trocar abraços entre amigos, filhos e netos possibilitam essa realidade (CAPODIECI, 2000).

Sexualidade e afetividade articulam-se com o Eros, ou seja, com o desejo humano que para Monteiro (2004), manifesta-se como encontro e desejo de união, de fusão, de estar junto. Essa forma de manifestação é expressa por vários participantes do estudo e demonstrada nos trechos dos discursos a seguir:

“Porque não é só sexo em si, né. Você tem que ter carinho, tem que ter beijos [...] Eu tenho um par de dança. Eu não danço com todos” (F I).

“Hoje o que me deixa feliz é que ele tá em casa. Ele me trata bem, me dá carinho. Ele quando a gente tem relação, ele é uma pessoa que ele fala: “Você ta cada vez ficando melhor, se era boa, mas ta ficando melhor com essa idade”. [...] Toda vida nós saímos, nós saímos de mão pegada, se ele saí com a mão no bolso, eu me engancha nele. Quando a gente vai sair junto, ele sempre me esperou, nunca ele foi na frente e eu atrás, nunca. Toda vida fomos um casal” (F III).

Encontramos nessas falas necessidades afetivas e inclusivas como suporte da relação humana. Independente do estado civil ou idade, temos essas necessidades e podemos supri-las mediante a manifestação da sexualidade que ocorre de diversas maneiras no nosso cotidiano, seja a partir de gestos simples, de atitudes que aproximam, e ajudam a solidificar o relacionamento, pois vão além da aparência, da superficialidade. Nesse contexto, Capodieci (2002) afirma que uma relação duradoura não será baseada apenas na atração física, mas nas atenções cuidadosas de um parceiro para com outro. Assim, a sexualidade não se apresenta mais focada no ato sexual ou na procriação, mas passa a ser vivenciada como possibilidade de prazer que alimenta a vida amorosa e afetiva do ser humano. Neste

sentido, a relação se estabelece com carinho e companheirismo que podem se intensificar com o tempo, em função do convívio e da troca que a permeia (SANTOS, 2003). Tudo isso é possível de ser pensado e realizado porque somos corpo consciência encarnada, e como tal, carregamos o mistério da reciprocidade (MERLEAU-PONTY, 1999). Esta pode ser vivenciada durante toda a trajetória existencial a partir do encontro e da manifestação da corporeidade e possibilita penetrar na subjetividade do outro que transcende sua superficialidade (LABRONICI, 2002), ou seja, penetrar na existência do outro por meio da percepção, do contato, manifestando assim sua sexualidade (VIDAL, 2000).

## 4.2 FACES OCULTAS E O EMERGIR DA SEXUALIDADE

A sexualidade se manifesta na corporeidade, não se restringe apenas à relação sexual, ou seja, à visão biológica reprodutiva - envolve todos os sentidos - e, portanto, abrange um conjunto de experiências, emoções e sentimentos que emergem do corpo vivente em toda a sua trajetória existencial. Desse modo, podemos compreendê-la de forma afetiva, sentimental e relacional respeitando o corpo e as peculiaridades de cada fase vivida (CAPODIECI, 2000); ela é o poder geral que a pessoa tem de “aderir a diferentes ambientes, de fixar-se por diferentes experiências” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 219). Por manifestar-se mediante as expressões do corpo, a sexualidade emerge de atividades humanas, e nesta pesquisa, foi possível identificá-la em atividades destinadas ao lazer nas falas a seguir que evidenciam essa compreensão:

“Adoro sair, adoro dançar, adoro música. Não é porque você envelheceu que você esqueceu da tua mocidade, do contrário, a juventude fica na lembrança”. (F I)

“Dançar é um troço que me realiza bastante, sabe!”. (M VII)

O lazer apresenta-se como fazer humano e constitui uma atividade de exploração, fantasia, imaginação, esportes e criatividade, além do que permite a participação social e a prática de uma cultura (FERRARI, 1996). O autor salienta que o “fazer” é uma necessidade humana básica, mediante a qual exploramos e dominamos a nós mesmos e o mundo que nos cerca.

É importante destacar que durante o processo de envelhecimento há uma diminuição das atividades, sobretudo aquelas relacionadas à profissão, motivo pelo qual devemos como profissionais da área de saúde, ampliar a possibilidade de realização de atividades lúdicas, de lazer, que contribuam com os idosos na manutenção da saúde, e, conseqüentemente, na melhora da qualidade de vida.

A ampliação das atividades de lazer cria a possibilidade para que o idoso faça escolhas prazerosas que propiciem a manifestação da sexualidade, e ocupe seu tempo de maneira criativa, de forma a mantê-lo ativo. Esta situação de mudança de rotina e ocupação do tempo parece ser um grande desafio para muitos idosos

que iniciam essa fase (VIEIRA, 2004). Isto mostra a necessidade de enriquecermos nossas vivências ao longo da trajetória existencial, mediante a busca de soluções para os problemas cotidianos (GEIS, 2003). Assim, é preciso criar sempre novas experiências que determinem nosso lugar no mundo (FERREIRA, 1996), e que nos mantenham vinculados à sociedade porque necessitamos dessa ligação (GEIS, 2003).

O conceito de lazer surge na história da humanidade associado ao trabalho, e ao longo dos séculos ambos os conceitos vão constituindo ora relação de proximidade, ora de afastamento entre si. Em civilizações primitivas, o trabalho representava punição ou dor e era desprezado pelas elites. Na Idade Média ele ganha dignidade e o lazer encontra lugar social nos dias festivos. Do século XVI ao início do século XX, o trabalho é supervalorizado, enquanto que o lazer passa a ser condenado e impróprio. Nesse século, com o melhoramento tecnológico da civilização industrial, amplia-se a dimensão e importância do lazer recolocando-o na sociedade (FERRARI, 1996), e, atualmente, pode ser compreendido como conjunto de “ocupações ou distrações às quais o indivíduo se entrega espontaneamente durante o tempo que não é absorvido pelo trabalho” (GEIS, 2003, p. 33).

A importância dada ao lazer na atualidade nos permite atribuir-lhe um dimensionamento que reside na possibilidade de suscitar atitudes durante a utilização do tempo livre, como a participação consciente e voluntária na vida social, que exige um processo de desenvolvimento de si que busca, na medida do possível, um equilíbrio pessoal entre o repouso e a distração (FERRARI, 1996).

Cabe salientar que, grande parte destes idosos teve ao longo de sua trajetória atividades voltadas ao trabalho, ou seja, eram corpos vivos produtivos, com poucos momentos de ócio, de lazer. Essa característica muda nesta fase existencial vivida, trazendo-lhes a possibilidade de enriquecer suas experiências em busca de um desenvolvimento pessoal e momentos de prazer, diferentes do trabalho (BALESTRA, 2002; BORINI, 2002).

Estudos realizados com idosos por Mendizábal & Carbonero (2004) demonstram que um nível alto de atividades sociais tende a estimular a atividade física e mental entre os idosos, favorecendo o desenvolvimento de uma boa saúde e longevidade, o que passa a ser um motivo pelo qual é possível estimulá-los a ampliar a participação em grupos de convivência e os laços afetivos. Portanto, é importante que a sociedade desperte e possibilite cada vez mais aos idosos meios

para tornarem-se agentes e beneficiários de seu desenvolvimento, permitindo que encontrem nas atividades por eles escolhidas motivos de satisfação.

É natural que os idosos procurem espaços favoráveis a sua satisfação, encontrando em grupos sociais o local para estabelecerem suas relações, e também a manifestação da sexualidade. Esses grupos – quer sejam recreativos ou de convivência -- são constituídos de pessoas que se reúnem periodicamente para realizarem atividades nas quais o método fundamental é a interação que permite o favorecimento das relações de amizade e auxiliam no desenvolvimento pessoal de todos os participantes (MENDIZÁBAL & CARBONERO, 2004).

Para os idosos entrevistados, as atividades realizadas em grupo e que possibilitam satisfação podem ser evidenciadas a seguir:

“Olha, eu vivo sozinho, né. E eu vou todo dia jogar tênis, e eu encontro meu amigo lá, e conto uma piada. Eu tenho meus jantares aí fora, eu tenho as minhas temporadas fora também, em hotel”. (M V)

“O prazer que eu sinto também é sair, dançar, divertir, trabalhar, assim na chácara, no sítio, por exemplo. Eu gosto muito, é um prazer que eu tenho”. (M VII)

“Eu adoro sair, adoro dançar, adoro música... Eu extravaso esta solidão dançando, né. Eu tenho um par de dança. Um par só. Eu não danço com todos, não me exponho a todos”. (F I)

Os grupos sociais, segundo Ferrari (1996), serão formados a partir de diversas necessidades, contudo, têm como objetivo permitir que o idoso crie novos valores, novas maneiras de pensar, de sentir e de agir, além de facilitar as transformações das relações sociais que continuamente vão se enriquecendo. Neles, os idosos conhecem outras pessoas, redescobrem-se, trocam, vivem, sonham, propiciando assim, momentos agradáveis.

As atividades de lazer foram classificadas por Dumazedier (2001), de acordo com a área de interesse em: manuais, intelectuais, associativas, ou seja, aquelas que buscam o prazer pelo convívio social, artísticas e físicas. Elas envolvem uma gama de possibilidades que têm como objetivo principal a socialização do idoso.



Dessa maneira, ao unir o lúdico com o relacionamento interpessoal, possibilitam a melhoria da qualidade de vida e a auto-estima, além do desenvolvimento do pensamento crítico e da criatividade (GASPARI & SCHWARTZ, 2005).

As atividades mencionadas pelos idosos como manifestação de prazer, em sua maioria, são realizadas em grupo, possibilitam a manifestação da corporeidade e da sexualidade pelos corpos viventes que coexistem no mesmo espaço social, e esta coexistência permite que cada um perceba e seja percebido, veja e seja visto, toque e seja tocado, porque o corpo é veículo do ser no mundo (MERLEAU-PONTY, 1999) motivo pelo qual nos coloca em movimento. Este movimento pode nos levar em direção ao outro para que o encontro se concretize, dando início a relação, e, assim, a possibilidade da troca, porque existir é trocar (LABRONICI, 2002).

É a movimentação do corpo que nos mantém conectados com o outro e com o mundo, motivo pelo qual é imprescindível que o corpo vivente em processo de envelhecimento experiencie a descoberta de movimentos, pois quando os objetivos da vida são mantidos e a motivação é preservada, os idosos não se fragilizam a ponto de perder a direção de seus movimentos rumo a novas experiências existenciais (BALESTRA, 2002).

Entre as atividades mencionadas pelos idosos participantes do estudo, encontramos a dança, o jogo, o sair, ir ao teatro, participar de jantares e de viagens. O sentido atribuído por eles para essas atividades assemelha-se com a recreação que é compreendida como atividades realizadas com o intuito de sentir-se bem e de se divertir. A sua finalidade é fundamentalmente lúdica, e buscam resultados imediatos com a ocupação do tempo livre. Necessariamente ela não é uma atividade periódica, ou com regras rígidas, uma vez que, o que procuram é apenas a sua satisfação e realização (GEIS, 2003).

Os fragmentos dos discursos possibilitam compreender que essas atividades proporcionam prazer e satisfação ao idoso, propiciam a sua socialização, visto que permite a convivência em grupo, renova uma rede de afetos que se apresenta entrelaçado ao fazer humano (BORINI, 2002) e a troca. Tal situação faz com que permaneça ativo, e gere um sentimento de satisfação e orgulho por sentir-se disposto, saudável e capaz de realizar tais atividades (SIMÕES, 1994), além do que, a participação em diferentes vivências oportuniza ao idoso a possibilidade de dar novos sentidos a sua existência (GASPARI & SCHWARTZ, 2005).

O fato de o idoso sentir-se bem e saudável passa a ser compreendido de maneira subjetiva, e o seu comportamento deixa de ser determinado não apenas pelas condições objetivas, mas pelas representações que a pessoa faz do seu estado de saúde (DOLL, 1998). Dessa forma, mesmo em situações que apresentem uma diminuição objetiva da qualidade de vida, é possível desfrutarem de satisfação e sentimento de bem-estar, uma vez que dependem da reorganização da auto-imagem, adequação dos objetivos e metas às condições reais e maior capacidade de controlar as emoções (OKUN citado por DOLL, 1998).

Recentemente, em 2002, a Organização Mundial de Saúde estabeleceu o conceito de envelhecimento ativo para designar o processo de envelhecer mantendo a capacidade funcional e a autonomia, ampliando assim, o entendimento de saúde para essa faixa etária (BRASIL, 2006).

Visto dessa forma, “a abordagem do envelhecimento ativo baseia-se no reconhecimento dos direitos das pessoas idosas e nos princípios de independência, participação, dignidade, assistência e auto-realização”, podendo ser compreendido a partir de três componentes: a menor probabilidade de doença, alta capacidade funcional, e engajamento social ativo com a vida, o que nos permite contemplar a terceira idade não mais como declínio, e sim como possibilidade de um processo saudável de vida. Ao partir de tais considerações, as propostas internacionais sugerem que os órgãos governamentais e a sociedade civil sejam responsáveis pela implantação de políticas e programas que melhorem e estimulem a saúde, a participação e a segurança da pessoa idosa (BRASIL, 2006, p. 7).

Nesse contexto, as atividades físicas apresentam-se como uma forma de promover saúde e bem-estar da população idosa, e podem ser compreendidas como conjunto de movimentos corporais capazes de contribuir para a prevenção e manutenção das capacidades do ser humano (VIEIRA, 2004).

Nas entrevistas realizadas, surge a descrição de tais atividades que sugerem satisfação em executá-las.

“Tenho um namorado, mas é mais velho que eu, assim é uma companhia, mas é uma coisa saudável, né! Jogo, saio, sabe! Vou a teatro, participo de atividades”. (F II)

“Olha, eu vivo sozinho, né. E eu vou todo dia jogar tênis, e eu encontro meu amigo lá, e conto uma piada. Eu tenho meus jantares aí fora, eu tenho as minhas temporadas fora também, em hotel”. (M V)

A atividade física apresenta-se ligada ao bem-estar e pode ser compreendida como um dos fatores determinantes para um estilo de vida saudável. Atualmente, é maior o número de pessoas que atingem a terceira idade gozando de saúde, o que permite e estimula ainda mais a execução desse tipo de atividade, lembrando-nos que a velhice não precisa ser pensada como um período de declínio, mas como possibilidade de renovação, mudanças e realizações. Além do mais, alguns estudos revelam que a atividade física nesse período traz inúmeros benefícios para o idoso (LEITE, 1996; GEIS, 2003) tais como: redução da pressão arterial, melhora da eficiência do músculo cardíaco, aumento da vascularização do miocárdio e da musculatura esquelética, do metabolismo, do HDL livre no sangue, da força muscular e da produção de endorfinas e diminuição da morbi-mortalidade em processos degenerativos (LEITE, 1996).

Cabe salientar que, as atividades físicas, além dos benefícios mencionados, propiciam momentos de prazer, bem como a possibilidade de vivenciar experiências criativas que colocam os idosos em contato com o próprio corpo (BALESTRA, 2002), mantendo-os ativos e retardando algumas características do processo de envelhecimento (SIMÕES, 1994). Isso não significa a busca da fonte da juventude, pois perceberão os efeitos da idade cronológica, mas sim a possibilidade de realizar as atividades com melhor disposição e desempenho em sua rotina diária, tornando-os mais autônomos e possibilitando-lhes uma vida mais ativa. Com isso, sentem-se capazes de tomar suas próprias decisões (BALESTRA, 2002) o que os auxilia a perceber e vivenciar esse período como uma nova fase existencial.

É importante destacar que na terceira idade, as respostas às novas situações cotidianas não serão resultados do ímpeto do vigor físico, mas do aprimoramento trazido pela experiência do vivido. Assim, o envelhecimento não carrega o sinônimo de decadência, mas de seqüência da vida (SIMÕES, 1994) que exige adaptações diante das transformações ocorridas no corpo, e que é muito importante desfrutar cada instante vivido, perceber o mundo e o outro, enfim, de viver a vida em sua plenitude com tudo o que ela apresenta de possibilidades e de fragilidades. Dessa forma, as atividades físicas deixam de cultuar o corpo belo e

reforçar padrões estéticos rigorosos, passam a representar uma forma de relacionamento humano e de tomada de consciência do que o idoso é capaz (BALESTRA, 2002). Isso permite reiterarmos que o possível deve ser mais valorizado que o perfeito (SIMÕES, 1994), e contribuem para que se libertem de preconceitos, diminuam complexos e redescubram a alegria e a espontaneidade ao interagir socialmente, o que possibilita a percepção de si como corpo vivente, “que é movimento em direção ao mundo, o mundo, ponto de apoio de meu corpo” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 469).

Nesse contexto, o prazer pela atividade física manifesta-se na ação, e por mais que exista um espírito competitivo, o que vale é a realização. Nessa fase da vida, apesar de vivermos em um mundo que exige uma performance impecável que nos transforma em competidores, não ganha o mais veloz, mas aqueles que participam da atividade como uma experiência prazerosa que possibilita o contato com o outro (SIMÕES, 1994). Assim sendo, percebo que existem nas atividades físicas alguns elementos compensatórios para sua realização como a possibilidade de encontro e de um convívio, de sociabilidade, ou seja, de ser e estar-com o outro propiciando a construção de uma experiência rica em satisfação que pode ser constatada na fala a seguir:

“O prazer que eu sinto também é sair, dançar, divertir, trabalhar, assim na chácara, no sítio, por exemplo. Eu gosto muito, é um prazer que eu tenho”. (M VII)

Os fragmentos dos discursos mostram a manifestação da sexualidade mediante a corporeidade, porque os idosos encontram nas atividades físicas prazer que lhes servem como estímulo para vida. Percebo também que contribuem para a percepção do ser e estar no mundo, haja vista, que ele não se coloca como ser passivo, mas ativo na medida em que é um corpo vivente em movimento.

Outra atividade mencionada nas entrevistas que possibilitam a manifestação da sexualidade foi a dança compreendida como “uma forma complexa de encontro” (VIDAL, 2002, p. 82), que envolve diversos sentidos como: tato, audição e visão.

A dança possibilita o respeito a si próprio e ao outro permitindo transformação, reafirmação e construção significativa na busca de valores pessoais, além de propiciar o refinamento do sentido cinestésico, ou seja, de movimentos, a

livre expressão corporal e a manifestação da sexualidade, possibilitando um sentimento de prazer (ABRÃO & PEDRÃO, 2005).

É importante lembrar que na história da humanidade, a dança sempre esteve ligada ao corpo, representava uma das mais antigas e elementares maneiras de expressão do ser humano, estava relacionada à caça, à religião, à guerra, à morte, à cura, à fertilidade, e não só à arte (ALMEIDA, 2005). Nesse contexto, podemos considerá-la como linguagem, como forma de manifestação da expressão humana.

A dança é uma das formas de expressão do corpo, envolve um conjunto de movimentos rítmicos, de gestualidades, de sensualidade e erotismo, “que traduzem uma linguagem na qual todo o significado pertence ao corpo que dança solitário, ou aos corpos que se entrelaçam” (LABRONICI, 2002, p. 75).

No discurso dos idosos entrevistados, a dança pode ser compreendida também como um dos modos de manifestação da sexualidade, visto que possibilita o prazer. Isso pode ser percebido a partir das seguintes falas:

“Adoro sair, adoro dançar, adoro música. Não é porque você envelheceu que você esqueceu da tua mocidade, do contrário, a juventude fica na lembrança [...] Quando você dança, você esquece de tudo. O contato do homem com seu corpo faz com que você fique elétrica, que você dance mais, se arrume mais”. (F I)

A dança nos possibilita expressar nossos sentimentos, emoções, tradições e crenças, perceber o outro e o mundo que nos rodeia (ALMEIDA, 2005). Isso é possível porque também é uma forma de expressão da nossa corporeidade, visto que o corpo é autor e ao mesmo tempo espaço cênico dessa atividade (COSTA, 2004). Para a autora, a linguagem do corpo na dança exprime pensamentos construídos por ele mesmo em seu mundo vivido, é múltipla, está aberta e inacabada, e permite a expressão de diferentes compreensões de mundo, no qual o corpo é o espaço que sustenta essa linguagem, pois a cada movimento ou gesto realizado por meio da dança possibilita a inspiração de vários sentimentos. O corpo apresenta-se como ponto de partida de existência da dança, que desvela inúmeros horizontes para pensarmos e vivermos essa arte. Ele é ser sensível e pensante,

porque o pensamento é corporal, é vivido, é encarnado pelas experiências na dança e na vida (COSTA, 2004).

Conforme MERLEAU-PONTY (1999), esse corpo é objeto sensível que toca ao mesmo tempo que é tocado, percebe e é percebido, vê e é visto, sente e é sentido. Essa dimensão sensível do corpo não se opõe à razão, mas coopera com uma lógica existencial que une saberes, práticas, atitudes, valores, modo de ser e de viver, admitindo as contradições e as incertezas humanas (NÔBREGA & TIBÚRCIO, 2004).

A dança possibilita o encontro de mundos vividos e pode revelar o desejo pelo outro. Ela só existe como atividade porque o corpo a torna possível, ao mesmo tempo em que existe um outro corpo para dançar com ele, ou para simplesmente apreciar o que dança. Dessa forma, ele pode ser compreendido como autor dançante e estético que se dispõe a tornar-se espaço cênico para viver o desconhecido, obter novos saberes, desdobrar novos códigos de movimento e criar a linguagem que revela o corpo como ser vivente e a arte de dança (COSTA, 2004).

Ao concebermos o ato de dançar como possibilidade de manifestação da sexualidade, corroboramos com a percepção de que essa não é apenas uma função orgânica relacionada à procriação, e sim, uma intencionalidade que segue o movimento geral da existência e coexiste com o corpo (MERLEAU-PONTY, 1999). Por meio da dança os corpos se encontram, entrelaçam suas histórias e experiências para tecer o momento vivido, cada um com sua percepção de mundo e intencionalidade.

No encontro dos corpos dançantes, percebemos a possibilidade de transformar o estar com o outro em uma relação imprevisível devido à espontaneidade e improvisação dos passos na dança, ao mesmo tempo em que existe o apoio em si e no outro para segui-los. Assim, faz-se necessário que exista respeito pelo tempo e movimento do outro. A sensibilidade da dança surge pela possibilidade de percepção de si e do outro, e assim podemos notar a diferença, a peculiaridade dos corpos viventes.

Ao dançarmos podemos nos manter atentos ao corpo e aos nossos sentimentos, perceber o outro e o mundo, bem como sentir as pulsações e intencionalidades que existem em nós a cada movimento realizado. Neste sentido, o outro se faz necessário para a construção e apreciação da dança enquanto manifestação da sexualidade.

Destarte, a dança como possibilidade de prazer e encontro é uma das múltiplas formas de expressão da corporeidade que manifestam a sexualidade. Envolve vários sentidos de modo simultâneo e recíproco, uma vez que os corpos dançantes vêem e deixam-se ver, tocam e deixam-se tocar. Eles desejam o movimento e são capazes de sentirem-se satisfeitos por meio dos passos e gestos possíveis. Esses corpos são arquivos vivos, os quais em si mesmo tatuam suas histórias alicerçadas em sua sexualidade. Assim, jogar, ir ao teatro, dançar, enquanto atividades realizadas pelos corpos idosos no cotidiano, são expressões da corporeidade que manifestam a multiplicidade do desejo humano, a sexualidade, e possibilitam um envelhecimento ativo e com qualidade de vida.

### 4.3 O RECONHECIMENTO DA MODIFICAÇÃO DA EXPRESSÃO DA SEXUALIDADE NA TERCEIRA IDADE

Ao pensarmos no concreto da nossa existência, ou seja, no corpo (MERLEAU-PONTY, 1999), constatamos que do nascimento até a morte estamos fisiologicamente vivenciando um processo de envelhecimento que reflete nas várias etapas do desenvolvimento humano.

As modificações biológicas que ocorrem nesse processo afetam o nosso ser e o estar no mundo, a nossa corporeidade, motivo pelo qual faz-se necessário enfocá-las tanto no homem, como na mulher, para que possamos compreender a necessidade de repensar a sexualidade na terceira idade. Esse repensar se deve ao fato de que, se concebermos a sexualidade exclusivamente como ato sexual, estaremos focados na visão reducionista, limitante e de perdas, e fortalecendo os mitos e preconceitos que a permeiam durante o processo de envelhecimento.

O processo de envelhecimento tem uma importância particular para a fisiologia da sexualidade e além de permitir novas experiências pessoais, influencia também a vida sexual do parceiro. Entretanto, isso não impede os idosos de desfrutarem de sua sexualidade (CAPODIECI, 2000).

No que se refere às alterações do corpo feminino, é interessante lembrar que, embora o climatério e a menopausa não aconteçam aos sessenta anos, eles interferem na manifestação da sexualidade da mulher idosa em função do declínio hormonal.

O climatério é o período da vida situado entre os 35 e 65 anos, no qual múltiplos fatores atuam simultaneamente modificando o corpo e a sexualidade (PENTEADO et al. 2004; FAVARATO & ALDRIGHI, 2001). Embora esses autores enfoquem a visão biológica da sexualidade em seus trabalhos, eles permitem a compreensão de que vários serão os fatores que a afetarão, mas nem todos serão biológicos.

Na mulher, a maioria das mudanças no processo de envelhecimento é decorrente da diminuição dos hormônios femininos que se inicia durante o climatério. Essa alteração determina uma diminuição da elasticidade da parede vaginal e uma redução das glândulas mucosas, de forma que a lubrificação vaginal diminui. Tal situação pode em alguns casos, provocar dor durante a penetração



vaginal ocorrendo, especialmente, quando a relação é demorada ou ocorre após um longo período de abstinência (CAPODIECI, 2000).

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (WHO, 1981), o climatério compreende uma fase pré-menopausal, que começa em torno dos quarenta anos de idade e se estende até o início dos ciclos menstruais irregulares e/ou de sintomatologia atribuível à falência ovariana, com duração variável; uma fase perimenopausal, que ocorre antes da menopausa com o surgimento de alguns sinais e termina um ano após o seu estabelecimento e a fase pós-menopausal que acontece após a cessação da menstruação e se estende até os 65 anos de idade.

Um dos sinais mais marcantes durante o climatério é a cessação da menstruação, que é chamada de menopausa. Cerca de 1/3 das mulheres pode apresentar alguns desconfortos como: ondas de calor, cefaléia, tendência ao cansaço, instabilidade emocional e irritabilidade. Ocorre também alteração da tonicidade dos pequenos e grandes lábios, e em casos de desequilíbrios hormonais, há a diminuição dos espasmos uterinos e da duração do orgasmo (CAPODIECI, 2000; PEDRO et al., 2003). No que se refere aos desconfortos decorrentes do climatério, eles apresentam-se mais exacerbados em mulheres que perderam seu papel social e não redefiniram seus objetivos existenciais (FAVARATO & ALDRIGHI, 2001).

Cabe salientar que o climatério é um fenômeno fisiológico decorrente do esgotamento dos folículos ovarianos que ocorre em todas as mulheres de meia idade, seguido da queda progressiva da secreção de estradiol, culminando com a interrupção definitiva dos ciclos menstruais e o surgimento de sinais característicos (LORENZI et al., 2005).

Devido à falência ovariana, a produção de estrógenos diminui, o que acarreta no aumento de hormônios estimulantes ovarianos (LH – hormônio luteinizante e FSH – hormônio folículo estimulante) em uma tentativa de estimular ainda mais os ovários. Contudo, como não são absorvidos e utilizados pela glândula, encontramos valores elevados na corrente sangüínea (NOBILE, 2002).

Nenhuma das alterações fisiológicas decorrentes do climatério altera a libido feminina. O que ocorre é que a sexualidade, muitas vezes, é construída a partir do princípio de procriação (MALDONADO, 2006). Então, como a menopausa e o climatério vêm anunciar o envelhecimento do corpo e que o período fértil da mulher está mais perto da finitude, permite-se a idéia de que a sexualidade também se

encontra no fim. Todavia, alguns autores mencionam que a sexualidade pode ser pensada a partir da dissociação entre prazer e procriação, e é essa redescoberta que a torna mais prazerosa (CAPODIECI, 2000; MALDONADO, 2006; NOBILE, 2002). Dessa forma, não podemos negar as etapas concluídas, já vividas que desenham no corpo sua história, contudo, o mais importante é olhar para frente e enxergar as possibilidades de viver prazerosamente bem.

Enquanto fenômeno compreendido na abordagem psicológica, o climatério deixa de ser apenas um conjunto de sinais e sintomas decorrentes de um processo fisiológico e passa a ser pensado como uma experiência humana, única e singular, cujas respostas e formas de vivenciá-lo são resultados de “ingredientes que entram na composição da personalidade de cada mulher” (LOPES, 1999, p. 86).

No que diz respeito às modificações biológicas no homem, é importante lembrar que a partir dos 40 anos, anualmente ocorre a diminuição de 1,2% dos níveis circulantes de testosterona livre. O nível de testosterona total permanece estável até os 55 anos, quando então, começa a se reduzir a uma taxa entre 0,4% a 0,8% ao ano (BONACCORSI, 2001).

Devido à alteração hormonal, a elevação do testículo se torna menor, bem como seu tamanho diminui lentamente, a irrigação do sangue no escroto e nos testículos decaem, os níveis de testosterona também declinam levemente, a ereção torna-se mais lenta, ocorre a diminuição das contrações no momento da ejaculação e do volume de líquido seminal e a secreção de líquido pré-ejaculatório vai se tornando mínima ou ausente. Entretanto, nenhuma dessas situações desfavorece o homem em manifestar a sua sexualidade (CAPODIECI, 2000).

É importante ressaltar que ocorre também um prolongamento do período refratário, ou seja, período em que, após a ejaculação, o pênis permanece sem ter a possibilidade de ficar ereto e ocorrer uma ejaculação adicional. Na adolescência ele pode durar minutos, alterando-se para horas com o passar da idade e no idoso pode chegar a dias (KOLONDY, MASTERS & JOHNSON, 1982; TRINDADE, 2002). Em contrapartida, também há um aumento sobre o controle ejaculatório, podendo ter um prolongamento do tempo entre a excitação e a ejaculação (CAPODIECI, 2000). Esse processo vivenciado pelo homem é conhecido por andropausa, climatério viril ou ainda insuficiência androgênica parcial. É entendido como um estado pouco estudado e não está isolado na trajetória da vida masculina, mas faz parte do processo de envelhecimento (BONACCORSI, 2001).

Nesse contexto, são os mitos e os preconceitos que nos levam a pensar que a andropausa e a menopausa são responsáveis pelas dificuldades sexuais. Se o enfoque de análise da sexualidade do idoso for centrado na genitália, na qual o coito apresenta-se como única fonte de prazer, estaríamos decretando a sua impossibilidade como ser sexuado. O que mais interfere na vida sexual do idoso não são apenas as limitações orgânicas, que são reflexos naturais do processo de envelhecimento, mas as questões de ordem psicológica e social que também respondem as mudanças ocorridas durante a trajetória existencial (SANTOS, 2003).

O que deve ser compreendido e modificado em nossa cultura em relação ao idoso e sua sexualidade, é o mito sustentado que ela diminui automaticamente com o avançar da idade até chegar a uma velhice assexuada. A sexualidade acompanha toda a trajetória existencial humana, motivo pelo qual se faz necessário entender o que pode transformá-la, e que tal transformação não faz com que na terceira idade ela seja esquecida.

É importante lembrar que, o mito é construído imaginariamente sob valores e modelos que têm o jovem como referencial, tornando a sexualidade inacessível ao idoso. Assim, podemos contribuir para libertar idosos e jovens de concepções equivocadas sobre “normalidade”, concedendo a cada um a possibilidade de vivenciar as manifestações de seu próprio corpo e dos sentimentos como diretrizes para avaliar o que consideram justo, agravável e realmente digno de ser amado e vivido. Isso significa que o conceito de normalidade não pode ser generalizado ou padronizado, uma vez que “abrange um amplo leque de variações individuais e não aquele que faz referência a normas preestabelecidas” como condição válida para todos (CAPODIECI, 2000, p. 63).

Isso pode ser elucidado mediante as falas:

“A sexualidade é normal, a gente ainda não tem um recolhimento ainda assim. Não é que nem era antigamente, mas eu me considero ainda normal. Não sei daqui para frente, mas até agora o momento, a potencialidade por enquanto tá normal. Não 100% que nem era, né. De acordo com a idade da gente, a gente vai ficando mais cauteloso, mas não vou dizer que tenha caído bruscamente, por enquanto eu ainda me considero normal. [...] Me sinto normal, me sinto bem. Meu corpo mudou e

a potencialidade também, mas o que mudou não me impede de ter prazer”. (M VI)

“Não é como se eu tivesse com, digamos assim, com 20 anos, mas com 63 não tenho do que me queixar [...] Não tomo medicamento assim, para rejuvenescer, ... pra ficar mais forte, não tomo remédio nenhum nesse sentido. Então me sinto bem, estou satisfeito”. (M VIII)

Os entrevistados têm como referência o jovem que foram um dia, contudo não deixam de valorizar o que são e o que podem realizar no presente enquanto idosos, utilizam tudo o que ficou armazenado no corpo para fazer a ponte entre presente e passado. Assim, considerar “normal”, não é o padrão juvenil que está como pano de fundo para a comparação, mas sim o que foi construído ao longo da vida e que permite a manifestação da sexualidade no presente. Existe no discurso dos entrevistados a percepção de que algo mudou. Todavia, essa mudança trouxe novas possibilidades, que serão compreendidas singularmente e individualmente pelo corpo vivente, carregando os traços que o tempo e as experiências vividas desenharam nele.

É importante destacar que, o corpo sexuado, o corpo vivido é “memória” (LABRONICI, 2002), motivo pelo qual tem uma história. Entretanto, o que faz com que o homem tenha uma história é a sexualidade. “Se a história sexual de um homem oferece a chave de sua vida, é porque na sexualidade do homem projeta-se sua maneira de ser a respeito do mundo, quer dizer, a respeito do tempo e a respeito dos outros homens” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 219).

A temporalidade não elimina a possibilidade de manifestação da sexualidade do idoso do ponto de vista biológico, uma vez que esta só é possível de ser pensada porque o corpo é sexuado. É o preconceito criado pela sociedade que nos impede de ver e perceber o idoso como ser sexuado, possuidor de sexualidade. Estamos diante de um fato social, reproduzido entre as gerações, em que, por um lado, os mais jovens não percebem a possibilidade de exercer a sexualidade em idade avançada, por outro, alguns idosos também encaram com dificuldade a sua própria sexualidade (RISMAN, 2005; SANTOS, 2003).

Nesse contexto, faz-se necessário conhecer o corpo e as alterações que fazem parte do desenvolvimento normal com a finalidade de minimizar experiências

negativas advindas da falta de conhecimento adequado ou preconceito injustificado (TRINDADE, 2002).

Ao perceber a sexualidade do idoso com um outro olhar, há a possibilidade de enfocarmos as perdas. Todavia, as inúmeras experiências vividas e acumuladas, propiciam redesenhar a vida e a sexualidade. Compreendo que as alterações trazidas no corpo afetarão naturalmente a sexualidade, isto significa conceber que corpo e sexualidade estão em constantemente modificação, ou seja, inacabados e abertos (MERLEAU-PONTY, 2000).

As modificações biológicas advindas do processo de envelhecimento podem representar uma sensação de fragilidade e uma necessidade de revitalização que facilitará a busca de um sentido individual da própria existência (CAPODIECI, 2000), e refletem na imagem corporal que também pode interferir na manifestação da sexualidade pelo fato de não ser mais um corpo atraente, uma vez que o idoso tem como modelo o corpo juvenil, belo, e viril. Esses atributos são valorizados em nossa sociedade que vive o culto ao corpo belo. Assim, a imagem que o idoso tem de si é construída alicerçada no que soube desenvolver e realizar a partir de suas experiências (CAPODIECI, 2000). Isto significa que esta imagem não reflete apenas o seu estado interior, mas a sua história, a história do corpo, motivo pelo qual ele deve ser compreendido como fonte de experiências significantes, como veículo de comunicação com o mundo e expressão possível de ser-no-mundo (SIMÕES, 1994).

O corpo, a meu ver, é um verdadeiro diário vivo inesgotável de sentimentos, emoções, desejos e percepções. Os traços desenhados pelo tempo não descrevem apenas a fisiologia do organismo, mas carregam aspectos subjetivos, singulares de cada ser. Esse corpo, consciência encarnada, se vê, se toca vendo, toca as coisas, reconhecesse naquilo que vê (MERLEAU-PONTY, 2000). O papel utilizado para escrever a nossa história é a própria carne, que tatua em si mesma o nosso mundo vivido e as experiências construídas escritos nas mais diversas cores.

Na perspectiva de corpo que muda, ao discutirmos questões pertinentes ao idoso e a manifestação de sua sexualidade, não podemos nos ater às perdas trazidas pelo tempo cronológico, mas sim, no resgate do ainda possível, no acúmulo de ganhos, “onde o corpo possível é mais importante que o corpo perfeito” (SIMÕES, 1994, p.8).

É importante reconhecer que as alterações do processo de envelhecimento refletem concretamente na manifestação da sexualidade, bem como distinguir o que

é normal ou patológico. O fato de o homem idoso ter mais dificuldade para alcançar e manter a ereção e da mulher idosa para ter uma lubrificação vaginal, não significa que ambos estejam doentes, menos excitados ou menos desejosos um pelo outro, contudo, que o corpo está mudando e caminhando em um processo natural de desenvolvimento (KOLODNY, MASTERS & JOHNSON, 1982). A mudança do corpo é percebida pelo idoso e entendida de forma natural como as marcas que o tempo constrói e que pode ser observada na fala abaixo.

“Hoje o que me deixa feliz é que ele tá em casa. Ele me trata bem, me dá carinho. Ele quando a gente tem relação, ele é uma pessoa que ele fala: “Você tá cada vez ficando melhor, você era boa, mas tá ficando melhor que essa idade”.” (F III)

Notamos nessa fala que o tempo não acarretou impossibilidades, mas sim proporcionou vivenciar uma relação que pode ser mais prazerosa permeada pelo desejo e possibilidades. Verifica-se a percepção no idoso a respeito de sua sexualidade que modifica ao longo da trajetória existencial. Os casais idosos podem melhorar o seu relacionamento na vida a dois, à medida em que são capazes de reconhecer e aceitar as modificações fisiológicas, algumas específicas da fisiologia sexual, que são diferentes no homem e na mulher, e consequência do processo de envelhecimento, não estando relacionadas ao desejo, interesse ou sentimentos que um sente pelo outro (CAPODIECI, 2000). Para esse autor, a idade permite a compreensão de que o mais importante não é o que se apresenta, mas o que somos. Isto significa que o interior deve ser mais valorizado do que a aparência.

O corpo, bem como a sexualidade, modificam-se ao longo da trajetória existencial mostrando-nos uma nova imagem. Essa imagem não será definida apenas biologicamente, mas, psicologicamente, porque passa pela percepção de corpo que o idoso tem de si. Assim, ele constrói uma outra imagem que é produto da sua imaginação ou concepção particular que o indivíduo tem de si, que é resultante de um processo que envolve fatos, experiências, impressões e sentimentos vividos ao longo de sua existência (LINS, 2004). Assim, ao compreender que as mudanças fazem parte de um processo pessoal e possível, é necessária uma contínua reflexão sobre a percepção a respeito do processo de envelhecimento (BALESTRA, 2002).

As mudanças ocorridas no corpo alteram a dinâmica na trajetória existencial e, conseqüentemente, trarão manifestações diferentes da sexualidade para a vida do idoso e/ou do casal. Dessa forma, o momento de transformações vivido pode propiciar uma reelaboração positiva da auto-imagem corporal em mudança, permitindo que a sexualidade possa ser manifestado mediante sentimentos afetuosos diferenciados, indo além do referencial jovem, encontrando novos modelos de realização pessoal e sexual, compartilhando uma nova intimidade (MESSINA, 2004).

Compreendo que a terceira idade é uma das possibilidades naturais da condição humana e, que as perdas que ocorrem em função das transformações fisiológicas, apesar de afetar a virilidade do idoso, não interferem no seu ser e estar no mundo, porque ele tem a possibilidade de encontrar um novo sentido para a sua existência, mediante a construção e reconstrução de conceitos em seu cotidiano. Podemos contemplar o processo do envelhecimento e valorizar toda a trajetória existencial realmente como condição humana, não encarando a mudança como perda, mas como possibilidade. Assim, cada momento vivido será celebrado como único e singular.

É importante reconhecer a sexualidade do idoso, pois é a partir da sua redescoberta, que tanto o homem como a mulher se revitalizam, e se percebem não mais como corpo assexuado, velho. Devemos reforçar ainda que se as mudanças advindas com o tempo podem representar perdas, mesmo assim a vida deve ser celebrada e a sexualidade vivida mediante uma multiplicidade de maneiras.

Cabe salientar que as mudanças e as formas de responder a elas não serão iguais para todos, isso porque cada corpo é um ser único e singular que manifesta seus desejos de forma subjetiva. Nas entrevistas realizadas, emergiu que os idosos percebem as alterações ocorridas e se adequam a ela como forma de redescoberta do corpo e de suas relações. Na fala a seguir, compreendo que ele vivencia essa etapa da trajetória existencial percebendo que algo mudou em seu cotidiano.

“Em função da idade houve uma regressão né, no caso de relacionamento semanais [...] Os sentimentos para mim, hoje eu creio que aprimorou mais. O relacionamento amoroso no dia-a-dia, no relacionamento marido e mulher, esposo né? Então eu creio que aprimorou mais. [...] O ato sexual é um momento de minuto e segundo, e o relacionamento é de 24 horas do dia,

entre dois seres. [...] Mudou esse ponto. Diminuiu nesse fator de contato, de beijos, de lábios... o relacionamento continuou com todo respeito, com toda dignidade". (M X)

Encontramos nessa fala a confirmação de que algo permanece, seja ele o desejo, seja a própria forma de relacionamento ou de manifestação da sexualidade. O importante é reconhecer que o idoso continua tendo a libido, o desejo, ou seja, o Eros, que pode impulsioná-lo a um relacionamento afetivo que envolva relações sexuais ou não, nas quais ambas serão formas da manifestação de sua sexualidade.

Devemos ainda salientar questões de razão psicológica que podem interferir em determinadas formas de manifestação da sexualidade. Do ponto de vista psicológico, o homem precisa entender o que está acontecendo com o seu corpo para não se sentir ou ser induzido culturalmente a pensar que está enfraquecido, defeituoso ou debilitado (MASTERS & JOHNSON, 1984). Nessa forma de abordagem, por se tratar de qualidade, o vivenciar da sexualidade assume um caráter altamente subjetivo, no qual é inconcebível tentar quantificar em números de experiências ou simplesmente pela forma que se manifesta. Sendo assim, cada um tem a liberdade de buscar o seu próprio modo de ser, sem esquecer que para sentir prazer, amar e ser amado, independe da funcionalidade fisiológica. Nenhuma dessas mudanças diminui a libido, contudo, quando esse fato ocorre será provavelmente causado por razões de ordem psicológica, que às vezes se manifestam em defesa das alterações fisiológicas (CAPODIECI, 2000).

O que percebo é que a terceira idade pode apresentar-se tão rica, fascinante e cheia de vida quanto os períodos vivenciados anteriormente a ela, e deve ser encarada como um momento em que as respostas às situações vividas não venham do vigor físico, mas do aprimoramento da sensibilidade que é conquistado pela experiência. Nessa fase existencial,

"a vida sexual encontra alimento na ternura e na necessidade de amor. Os parceiros podem melhorar o seu relacionamento na vida a dois na medida em que são capazes de reconhecer que existem modificações da fisiologia sexual, como também que estas são diferentes no homem e na mulher e que constituem a consequência de mudanças específicas devidas ao processo de envelhecimento" (CAPODIECI, 2000).



Outra questão que deve ser considerada em relação às adaptações e redefinição da sexualidade é o estado de saúde de um ou de ambos, ou a ausência de um dos parceiros por motivo de falecimento. Nesse sentido, cada sujeito apresentará um tipo de resposta a essas situações. Contudo, mesmo que ocorra um decréscimo nas relações sexuais, o desejo sexual permanece, porque o homem é um corpo desejante, ou seja, é possuidor e fonte de desejo que não deve ser ignorado (LABRONICI, 2002; GABBAY, 2004).

É importante reconhecer que, mesmo quando a habilidade ou o desejo de se relacionar, em termos de atividade sexual não estejam mais presentes, o desejo de intimidade e afetividade persiste acompanhando a trajetória de vida (BYYNY & SPEROFF, 1996).

Na busca de compreensão da redefinição da sexualidade, podemos encontrar questões relativas ao processo saúde-doença que afeta o corpo, e desta forma, a manifestação da sexualidade do idoso, visto que a doença pode provocar mudanças corporais que requerem adaptação.

A redescoberta do corpo envelhecido, por vezes, pode nos revelar algum tipo de limitação ou incapacidade funcional, que por sua vez, será fonte alimentadora de uma imagem corporal distorcida (BALESTRA, 2002), dependendo de como a situação for compreendida pelo idoso. Entretanto, é possível repensar e redescobrir a sexualidade, mesmo quando existam tais limitações e isso pode ser constatado na fala a seguir:

“Depois que deu o derrame eu perdi um pouco da..., perdi..., estacionou, mas continuo tendo relação sexual [...] Perdi um pouco da potência. Tive dificuldades, mas continuo tendo desejo”. (M IX)

“Se tornar impotente, isso não quer dizer que a libido cai. A libido nunca cai... tem gente que pode até deixar de praticar o ato sexual, mas a libido não perde nunca[...] Nenhum ser humano... deixa de ter seus desejos sexuais. Isso morre com o corpo”. (M V)

Constatamos que o desejo e a libido continuaram no idoso impulsionando a expressão de sua sexualidade, neste caso, direcionada para a atividade sexual.

Um grupo significativo de idosos, em nossa sociedade, encontra-se em um relacionamento estável e, sendo um relacionamento harmonioso, terão condições favoráveis para essa redescoberta, independentemente da doença (PENTEADO et al., 2006).

Nesse contexto de mudanças, qualquer alteração física pode afetar a nossa multidimensionalidade, o nosso ser e estar no mundo, e quando se trata do processo de envelhecimento, não podemos deixar de mencionar as doenças crônicas. Algumas são chamadas de distúrbios cardiovasculares e representam uma parcela significativa de morte entre idosos.

Dentro de cada faixa etária, e separadamente por gênero, existem os riscos de desenvolver um problema cardiovascular. Todavia, após a menopausa, a mulher apresenta percentual de risco de desenvolver um problema cardiovascular semelhante ao do homem, e isso ocorre provavelmente por perderem a proteção proporcionada pelos estrogênios (CAPODIECI, 2000).

No que se refere aos portadores de distúrbios cardiovasculares, há um certo medo em retornar às atividades sexuais, por exemplo, após um infarto ou uma cirurgia, mas que na verdade não representam um risco significativo para uma complicação. Alguns autores sugerem que se deve esperar o restabelecimento geral do idoso e que ele terá condições de avaliar, quando pode retomar essa atividade (CAPODIECI, 2000; FAVARATO & ALDRIGHI, 2001).

Outro distúrbio comum entre idosos é a diabetes. Esse é distúrbio metabólico que aumenta o risco de desenvolver a impotência sexual masculina, e em escala mais reduzida a feminina. E pelo simples fato de saber que existe esse risco, é possível que alguns idosos desenvolvam uma impotência advinda de aspectos psicológicos e não meramente fisiológicos. Todavia, é importante lembrar que mesmo nessa situação o desejo persiste (CAPODIECI, 2000).

No que diz respeito à saúde feminina, encontramos questões bem singulares como o câncer uterino e o de mama. O câncer uterino pode resultar em uma histerectomia que implicará mudanças na sexualidade por razões subjetivas. Portanto, esse órgão tem um significado singular para a feminilidade.

O câncer de mama pode resultar em uma mastectomia, e este procedimento cirúrgico pode alterar a auto-imagem feminina acarretando mudanças na percepção da sexualidade por parte do parceiro e de si mesma. Esse impacto é influenciado pela receptividade, cumplicidade e intimidade do companheiro, e poderá ocasionar

mudanças na manifestação da sexualidade do casal (NOBILE, 2002). Isso ocorre porque esses órgãos representam a feminilidade, sexualidade e maternidade para a mulher (DUARTE & ANDRADE, 2003).

Especificamente no homem, podemos encontrar os distúrbios da próstata como a prostatite, hiperplasia prostática (benigna) ou câncer de próstata. Esse é o problema mais grave e que pode ter repercussões mais sérias sobre a sexualidade masculina, devido ao fato de que o procedimento cirúrgico destinado à cura é a prostatectomia radical, o qual pode lesionar diversas inervações da área pubiana. Nesse contexto, o maior problema que ocorre é a falta de informação, uma vez que esta permite que os idosos acreditem que tal procedimento alterará, de forma irreversível, a sua sexualidade (CAPODIECI, 2000).

Não é objetivo deste capítulo discorrer sobre as doenças que podem trazer mudança na expressão da sexualidade, todavia, compreender que várias situações do processo saúde doença acarretam alterações no corpo, na auto-imagem, e por isso na sexualidade. De acordo com MERLEAU-PONTY (1999) somos corpo, não podemos dissociá-lo em partes. Isso significa que, qualquer alteração que ocorra em algum dos órgãos, poderá trazer conseqüências em todo o nosso ser e na forma como nos vemos, percebemos e nos relacionamos com o mundo.

É importante perceber que todas as mudanças vividas pelo corpo durante a trajetória existencial deixarão marcas, positivas ou negativas, e que, de alguma forma, afetarão a corporeidade, e por sua vez, a manifestação da sexualidade.

Na perspectiva da mudança corporal, GEIS (2003) comenta que o tempo deve ser compreendido como um continuum, no qual o ser humano apresenta-se em constante desenvolvimento, e não envelhecendo. Assim, não devemos focar para as perdas, mas sim para a conquista e redescoberta de um novo corpo que somos e seremos, vivendo um novo mundo a cada amanhecer que se inicia.

**5. CONSIDERAÇÕES**



A minha caminhada para desvelar a percepção do idoso sobre como entende e vive sua sexualidade, possibilitou compreender que o processo de envelhecimento é uma condição natural do ser humano. Ocorre durante toda a trajetória de vida, reflete as experiências vividas, e não envolve apenas a visão biológica, uma vez que, traz implicações à sua multidimensionalidade.

Perceber o processo de envelhecimento olhando para os vários aspectos que o acompanham, significa ir além das transformações, perdas e degenerações, e assim possibilitar a valorização das experiências vividas, do acúmulo de vida encontrado na pessoa idosa. Desse modo, ao escolher como método de estudo a abordagem fenomenológica, obrigatoriamente eu teria que retornar às coisas mesmas, ou seja, não aceitar o encobrimento e o esquecimento que acompanham as situações ou temáticas já construídas. Precisei ir além da superficialidade do mito que desvaloriza o idoso como ser em final da carreira existencial, e, portanto, sem voz. Assim, ouvi-os a fim de perceber como vivenciam a sexualidade, antes de mais nada foi valorizar o que construíram e armazenaram em seu corpo durante décadas.

Destarte, ao me permitirem adentrar em seu mundo privado, pude perceber o vivido por eles na trajetória existencial e desvelar o fenômeno em tela, contribuindo para a ampliação do meu conhecimento e construção do conhecimento para a Enfermagem sobre a sexualidade do idoso, uma vez que esta faz parte da multidimensionalidade humana.

Semelhante ao processo de envelhecimento, acredito que a sexualidade é uma temática carregada de diversos tabus, mitos, e que para compreendê-la faz-se necessário o abandono de toda idéia que se apresente pronta, bem como dos preconceitos. Dessa forma, foi possível desprender-me de concepções unicamente biológicas, e compreendê-la como dimensão humana que está presente em toda a trajetória existencial, podendo ser vivenciada de diferentes maneiras em cada momento, manifestando-se mediante a expressão do corpo, ou seja, da corporeidade.

Na pesquisa em tela, os discursos mostraram que a percepção da sexualidade do idoso emergiu a partir da relação com o outro propiciado pelo encontro. Este possibilita que os corpos idosos se percebam e sejam percebidos, toquem e sejam tocados, sintam e sejam sentidos, desencadeando desejo, prazer e sentimentos diversos. Isto significa que o outro é necessário para a complementaridade e manifestação da sexualidade. Assim, o estar-com torna-se

momento de experiência humana rica em possibilidades de manifestar desejos e sentimentos, e, nesse sentido, a sexualidade constitui uma dimensão afetiva, sentimental e relacional que proporciona o respeito ao corpo e as peculiaridades de cada momento vivido.

Outra forma de os idosos vivenciarem a sexualidade foi mediante as atividades de lazer como a dança, a música, a prática de esporte, jantar fora, temporadas em hotéis, ir ao teatro, porque há a possibilidade do estar-com em espaços coletivos que propiciam o encontro, a troca, a reciprocidade, a convivência, a socialização e o prazer.

Os idosos entrevistados conseguiram reconhecer que vivem a sexualidade de maneira diferente na terceira idade, no que diz respeito ao desempenho sexual, pois mesmo não possuindo conhecimento suficiente e aprofundado sobre as alterações fisiológicas decorrentes do processo de envelhecimento, reconhecem as modificações ocorridas em seus corpos, o que os levam a fazer a travessia imaginária sobre a ponte que os conduz ao passado. Esse processo permite a compreensão de que hoje não são como antes, contudo possibilita um aprimoramento no relacionamento em função do acúmulo de experiências, e que o desejo existente, permeia a relação e possibilita a manifestação da sexualidade, independente da imagem apresentada, da tatuagem feita pela postura, pelo tempo e apresentada pelo cabelo grisalho, pelas rugas, e outras alterações decorrentes do processo de envelhecimento.

Percebi que os corpos idosos vivenciam um processo de envelhecimento ativo, com autonomia e independência, pois buscam adotar em seu cotidiano, hábitos de vida saudáveis mediante a realização de atividades prazerosas que possibilitam a manifestação da sexualidade e refletem na qualidade de vida.

Como enfermeiro, inserido no cenário da saúde, acredito que precisamos conhecer as peculiaridades dos corpos idosos vivos, respeitar as suas singularidades e limitações, sem esquecer de reconhecer e incentivar as possibilidades de cada um durante o processo de envelhecimento, e contemplar ações de cuidados direcionadas à promoção de saúde e bem-estar, e não apenas um procedimento técnico voltado para a doença e medicações. Transcender isso possibilita um cuidado estético e ético voltado à multidimensionalidade humana.

Acredito ter contribuído para a ampliação e construção do conhecimento sobre a sexualidade do idoso, porque o fenômeno vivido já estava lá, armazenado

no seu corpo, aguardando ser desvelado. Ao desvelá-lo, penso ter apontado para novas possibilidades de expressão da sexualidade na terceira idade apropriando-me da experiência dos corpos idosos que fizeram parte deste estudo para gerar conhecimento, mediante a pesquisa fenomenológica, além de possibilitar uma visão mais otimista sobre ela e o processo de envelhecimento. As possibilidades aqui reveladas são apenas demonstrações da potencialidade humana, que direciona para o desejo, para a vontade de viver.

Ao concluir esta etapa vivida descobri a importância de valorizarmos a experiência do outro, algo que lhe é tão singular, mas que por intermédio de um método de pesquisa pode abrir-se para desvelar o concreto da existência humana.

## REFERÊNCIAS

- ABRÃO, A. C.; PEDRÃO, L. J. A contribuição da dança do ventre para a educação corporal, saúde física e mental de mulheres que freqüentam uma academia de ginástica e de dança. **Rev. Latino-am Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 13, n. 2, p. 243-248, mar./abr. 2005.
- ALMEIDA, L. H. H. **Danças circulares sagradas**: imagem corporal, qualidade de vida e religiosidade segundo uma abordagem junguiana. Campinas, 2005. Tese (Doutorado em Ciências Médicas) – Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas.
- ALMEIDA, W. C. **Formas do encontro**: psicoterapia aberta. 2 ed. São Paulo: Agora, 1988.
- BAKKER FILHO, J. P. A velhice institucionalizada. In: BAKKER FILHO, J. P. **É permitido colher flores?** Reflexões sobre o envelhecer. Curitiba: Chapagnat, 2000. p. 25-39.
- BALESTRA, C. M. **Aspectos da imagem corporal de idosos, praticantes e não praticantes de atividades físicas**. Campinas, 2002. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.
- BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. (Trad.) MILLIET, S. São Paulo: Nova Fronteira, 2001.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2 ed. revista e atualizada. São Paulo: sociedade Bíblica Brasileira, 1995.
- BICUDO, M. A. V. **Fenomenologia**: confrontos e avanços. São Paulo: Cortez Editora, 2000.
- BRASIL. Portaria 1395/GM – Política de Saúde do Idoso. **Anexo – Política Nacional de Saúde do Idoso**. Brasília, 10 de dezembro de 1999.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Cadernos de Informações de Saúde. Informações Gerais. Disponível em: <<http://www.datasus.gov.br>> Acessado em 15/05/2005.
- BRASIL. **Portaria n. 2.528**, de 19 de outubro de 2006. Aprova a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa.
- BONACCORSI, A. C. Andropausa: insuficiência androgênica parcial do homem idoso - uma revisão de literatura. **Arq. Bras. Endocrinol. Metab.** São Paulo, v. 45, n. 1, p. 123-133, 2001.
- BORINI, M. L. O. **A saída do fundo do poço**: representações sociais acerca da participação em atividades de lazer em grupos de terceira idade. Campinas, 2002.



Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas.

BUBER, M. **Eu e Tu**. (Trad.) ZUBEN, N. A. São Paulo: Centauro, 2001.

BYNNY, R. L.; L. SPEROFF. **Climatério**: guia clínico de atendimento à mulher idosa. (Trad.) CHIMELLO, E. V. D. Rio de Janeiro: Revinter, 1996.

CAPODIECI, S. **A idade dos sentimentos**: amor e sexualidade após os sessenta anos. (Trad.) ANGONESE, A. Bauru: EDUSC, 2000.

CARLOS, S A. Apresentação. In: SANTOS, S. S. **Sexualidade e amor na velhice**: uma abordagem de análise do discurso. Porto Alegre: Sulina, 2003.

CAVALCANTI, R. C. Identidade de gênero: novos aportes. In: LOPES, G; GOODSON, L.;CAVALCANTI, S. **Sexologia e ginecologia**. Porto Alegre: Medsi, 1996.

COSTA, E. M. B. **O corpo e seus textos**: o estético, o político e o pedagógico na dança. Campinas, 2004. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

DOLL, J. Saúde subjetiva e satisfação de vida: um estudo comparativo com pessoas idosas no Brasil e na Alemanha. **Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 3, p. 99-110, 1998

DUARTE, T, P.; ANDRADE, A. N. Enfrentando a mastectomia: análise dos relatos de mulheres mastectomizadas sobre questões ligadas à sexualidade. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 8, n. 1, p. 155-163, 2003.

DUMAZEDIER, J. **Lazer e cultura popular**. (Trad.) MACHADO, M. L. S. São Paulo: Perspectiva, 2001.

EGERIA. **Dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Egeria, 1979.

ELIOPOULOS, C. **Enfermagem gerontológica**. (Trad.) YOSHITOME, A. Y.; THORELL, A. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

FAVARATO, M. E. C.; ALDRIGHI, J. M. A mulher coronariopata no climatério após a menopausa: implicações na qualidade de vida. **Rev. Ass. Méd. Brasil**, v. 47, n. 4, p. 339-345, 2001.

FERRARI, M. A. C. Lazer e ocupação do tempo livre na terceira idade. In: PAPALÉO NETTO, M. **Gerontologia**: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada. São Paulo: Editora Atheneu, 1996.

FERRIGNO, J. C. Grupos de reflexão sobre o envelhecimento: uma proposta de reconstrução da autonomia de homens e mulheres na 3ª idade. **Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 27-33, 1998.

FRANÇA FILHO, J. L. **A dicotomia consciência – mundo em Merleau-Ponty, uma tentativa de superação na fenomenologia da percepção**. Recife, 2003, 117 f. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Filosofia, Universidade Federal de Pernambuco.

FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Volume XIX (1923-1925). Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.

GABBAY, R. Afetividade e sexualidade: metamorfose no envelhecer. In: MONTEIRO, D. M. R. (org.) **Dimensões do envelhecer**. Rio de Janeiro: Revinter, 2004. p. 32-37.

GASPARI, J. C.; SCHWARTZ, G. M. O idoso e a ressignificação emocional do lazer. **Psicologia: teoria e pesquisa**, Brasília, v. 21, n. 1, p. 69-76, jan./abr., 2005.

GEIS, P. P. **Atividade física e saúde na terceira idade: teoria e prática**. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.

GIR, E.; NOGUEIRA, M. S.; PELÁ, N. T. R. Sexualidade humana na formação do enfermeiro. **Rev. Latino-am. de Enfermagem**. Ribeirão Preto, v. 8, n. 2, p. 33-40, abri, 2000.

GOLEMAN, D. **Inteligência emocional**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

GOMES, R. **A pesquisa qualitativa na saúde e na enfermagem**. In: I Seminário de Pesquisa Científica em Saúde e na Enfermagem, 2005, Curitiba. Curitiba: UFPR, 2005. 2 DVD.

GOMES, W. A entrevista fenomenológica e o estudo da experiência consciente. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 305-36, 1997.

GONÇALVES, T. **Vivenciando o climatério: o corpo em seu percurso existencial à luz da fenomenologia**. São Paulo, 2005. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo.

HANDEM, P. C.; MATIOLI, C. P.; PEREIRA, F. G. Metodologia: interpretando autores. In: FIGUEIREDO, N. M. A. **Método e metodologia na pesquisa científica**. São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2004.

HELMAN, C. G. **Cultura, saúde e doença**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Tendências demográficas: uma análise dos resultados da amostra do Censo Demográfico 2000**. Estudos e Pesquisas: Informação demográfica e socioeconômica, n 9. Brasil: IBGE, 2004.

\_\_\_\_\_. – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Perfil dos idosos responsáveis pelos domicílios no Brasil**. Estudos e Pesquisas: Informação demográfica e socioeconômica, n 9. Brasil: IBGE, 2002.

JOHNSON, B. K. Older adults and sexuality: a multidimensional perspective. **Journal of Gerontological Nursing**, Columbia, EUA, v. 22, n. 2, p. 6-15, feb. 1996.

JOSGRILBERG, R. S. A fenomenologia como novo paradigma de uma ciência do existir. In: POKLADEK, D. D. **A fenomenologia do cuidar**: prática dos horizontes vividos nas áreas da saúde, educacional e organizacional. São Paulo: Vetor, 2004. p. 31-51.

KOLONDY, R. C.; MASTERS, W. H.; JOHNSON, V. E. **Manual de medicina sexual**. (Trad.) OLIVEIRA, N. G. São Paulo: Manole, 1982.

LABRONICI, L. M. **Eros proporcionando a compreensão da sexualidade das enfermeiras**. Florianópolis, 2002. 135 f. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal de Santa Catarina.

\_\_\_\_\_. **A corporeidade propiciando o coexistir da racionalidade e da sensibilidade nas práticas de cuidar**. Curitiba, 1998. Dissertação (Mestrado em Assistência de Enfermagem) – Universidade Federal de Santa Catarina – Universidade Federal do Paraná – Convênio Repensul.

LINS, M. I. A. Ver-se e ser visto na terceira idade. In: MONTEIRO, D. M. R. (org.) **Dimensões do envelhecer**. Rio de Janeiro: Revinter, 2004. p. 02-08.

LEITE, P. F. **Exercício, envelhecimento e promoção de saúde**: fundamentos da prescrição de exercícios para idosos. Belo Horizonte: Health, 1996.

LOBIONDO-WOOD, G.; HABER, J. **Pesquisa em enfermagem**: métodos, avaliação crítica e utilização. 4 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001.

LOPES, G.; MAIA, M. Sexualidade e cultura: a construção dos mitos e tabus sexuais. In: SÁ, C. A. M.; PASSOS, M. R. L.; KALIL, R. S. **Sexualidade humana**. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

LOPES, G. **Sexualidade humana**. 2 ed. Rio de Janeiro: Medsi, 1993.

LORENZI, D. R. S. et al. Fatores indicadores da sintomatologia climatérica. **Rev. Bras. Ginecol. Obstet.** Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 12-19, 2005.

MALDONADO, M. T. **Amor e sexualidade na idade madura**. Disponível em: <<http://www.mtmaldonado.com.br/preview/trechos/maturidade.htm>> Acesso em: 14/09/2006.

MARTINS, J. **Um enfoque fenomenológico do currículo**: educação como poiésis. Organização de textos Vitória Helena Cunha Espósito. São Paulo: Cortez, 1992.

MARTINS, J.; BICUDO, M. A. V. **A pesquisa qualitativa em Psicologia**: fundamentos e recursos básicos. São Paulo: Moraes, 1989.

MARTINS, J.; BOEMER, M. R.; FERRAZ, C. A. A fenomenologia como alternativa metodológica para pesquisa: algumas considerações. **Rev. Esc. Enf. USP**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 139-47, abr., 1990.

MASTERS, W. H.; JOHNSON, V. E. **A resposta sexual humana**. (Trad.) SERRA, A. A. T. São Paulo: Roca, 1984.

MENDIZÁBAL, M. R. L.; CARBONERO, J. A. C. Grupos de debate para idosos: guia prático para coordenadores dos encontros. (Trad.) GONÇALVES, M. São Paulo: 2004.

MERLEAU-PONTY, M. **O visível e o invisível**. (Trad.) GIANOTTI, J. A.; D'OLIVEIRA, A. M. São Paulo: Perspectiva, 2005.

\_\_\_\_\_. **Fenomenologia da percepção**. (Trad.) MOURA, C. A. R. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **O primado da percepção e suas conseqüências filosóficas**. (Trad.) CESAR, C. M. Campinas: Papirus, 1990.

MESSINA, M. Velhices produzidas na contemporaneidade. In: MONTEIRO, D. M. R. (org.) **Dimensões do envelhecer**. Rio de Janeiro: Revinter, 2004. p. 44-49.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 23 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

MINAYO, M. C. S.; COIMBRA JR., C. E. A. **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2002.

MONTEIRO, D. M. R. Polifonias de Eros. In: MONTEIRO, D. M. R. (org.) **Dimensões do envelhecer**. Rio de Janeiro: Revinter, 2004. p. 38-43.

MOSER, A. **O enigma da esfinge: a sexualidade**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NOBILE, L. A. **Sexualidade na maturidade**. São Paulo: Brasiliense, 2002.

NÔBREGA, T. P.; TIBÚRCIO, L. K. O. M. A experiência do corpo na dança butô: indicadores para pensar a educação. **Educação e pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 461-468, set./dez. 2004.

OLIVEIRA, J. H. **Como interpretar a Bíblia**. In: BARNETT, J. D (coord.). **Examinai as escrituras**. São José dos Campos: Cristã Evangélica, 2004.

OLIVEIRA, P. E. O ocidente e a terceira idade: uma visão histórica. In: BAKKER FILHO, J. P. **É permitido colher flores?** Reflexões sobre o envelhecimento. Curitiba: Champagnat, 2000. p. 41-49.

PELÁEZ, M. Prefácio. In: LEBRÃO, M. L.; DUARTE, Y. A. O. **SABE – Saúde, Bem-estar e Envelhecimento** – O projeto Sabe no município de São Paulo: uma abordagem inicial. Brasília: Organização Pan-americana da Saúde, 2003. p. 09-10.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W. **Desenvolvimento humano**. (Trad.) BUENO, D. 7 ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PENTEADO, S. R. L. et al. Avaliação da capacidade orgástica em mulheres na pós-menopausa. **Rev. Assoc. Med. Bras.** São Paulo, v. 50, n. 4. p. 444-450, 2004.

PEDRO, A. O. et al. Síndrome do climatério: inquérito populacional domiciliar em Campinas, SP. **Rev Saúde Pública**, São Paulo, v. 37, n. 6, p. 735-742, 2003.

PINTO, M. J. Apresentação. In: BAKKER FILHO, J. P. **É permitido colher flores?** Reflexões sobre o envelhecimento. Curitiba: Champagnat, 2000. p. 5-7.

POLAK, Y. N. S. O corpo como mediador da relação homem/mundo. **Texto & Contexto**, Florianópolis, v. 6, n. 3, p. 29-43, set./dez., 1997.

POLAK, Y. N. S. **A corporeidade como resgate do humano na enfermagem**. Série Teses de Enfermagem. Florianópolis: UFSC, 1996.

POLIT, D. F.; HUNGLER, B. P. **Fundamentos de pesquisa em enfermagem**. (Trad.) GARCEZ, R. M. 2 ed. Porto Alegre: Artes médicas, 1995.

RISMAN, A. Sexualidade e terceira idade: uma visão histórico-cultural. **Portal do Envelhecimento**. out. 2005. Disponível em: <<http://www.portaldoenvelhecimento.net/artigos/artigo531.htm>> Acesso em: 25/10/2005.

SANTOS, D. L.; POKLADEK, D. D. A massificação do homem e o destino da humanidade buscando um jeito fenomenológico de conhecer o mundo. In: POKLADEK, D. D. **A fenomenologia do cuidar**: práticas dos horizontes vividos nas áreas da saúde, educacional e organizacional. São Paulo: Vetor Editora, 2004.

SANTOS, S. S. **Sexualidade e amor na velhice**: uma abordagem de análise do discurso. Porto Alegre: Sulina, 2003.

SCHUTZ, W. **Profunda simplicidade**: uma nova abordagem do eu interior. (Trad.) NETTO, M. S. M. São Paulo: Agora, 1989.

SIMÕES, R. **Corporeidade e terceira idade**: a marginalização do corpo idoso. Piracicaba: Unimep, 1994.

SNOEK, J. **A sexualidade humana**: ensaio da ética sexual. São Paulo: Edições Paulinas, 1981.

SOARES, A. G. P. País já tem 120 idosos para cada 100 crianças. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 26 nov. 2005. Retrato do Brasil, Especial, p. 4.

SOUZA, R. P. Sexualidade – riscos – escola. In: SA, C. A. M.; PASSOS, M. R. L.; KALIL, R. SOUZA. **Sexualidade humana**. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

VAN MANEN, M. **Researching lived experience: human science for an action sensitive pedagogy.** New York: State of New York Press, 1990.

VIDAL, M. **Ética da sexualidade.** (Trad.) GONÇALVES, M. S. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

VIEIRA, E. B. **Manual de Gerontologia:** um guia teórico-prático para profissionais, cuidadores e familiares. 2 ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2004.

TRINDADE, E. **Hermenêutica do existir do homem de meia-idade – paternidade, sexualidade e projeto de vida:** um olhar à luz de Heidegger. Ribeirão Preto, 2002. Tese (Doutorado em Ciências, Área: Psicologia) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo.

TURATO, E. R. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa.** Petrópolis: Vozes, 2003.

WHO – World Health Organization. **Reasearch on the menopause:** Technical report. Geneve: WHO, 1996.

## ***APÊNDICE***



## **Apêndice I**

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

O (a) senhor (a) está sendo convidado (a) a participar de um estudo denominado “A sexualidade do idoso: a percepção do corpo vivido”

Esse trabalho sobre a sexualidade do idoso tem como objetivo compreender como vocês entendem o que é a sexualidade e como vocês lidam com ela no seu dia-a-dia.

A coleta de dados será realizada mediante a resposta da seguinte questão “Fale-me sobre como o (a) senhor (a) entende a sua sexualidade:”, e ainda “O que é sexualidade para você”, que serão gravadas pelo pesquisador.

A participação nesse estudo é consensual, havendo liberdade para ausentar-se em qualquer etapa, e isso não impedirá em nada suas atividades do seu dia-a-dia. Nada será cobrado ou pago às pessoas participantes dessa pesquisa. E por ser de livre e espontânea a sua participação na pesquisa, em nada afetará seu dia-a-dia, ou seja, a sua participação não lhe trará privilégios ou dano algum.

Estão garantidas as informações que vocês queiram antes, durante e depois do estudo.

O conteúdo final deste estudo estará disponível aos participantes. Os dados resultantes da entrevista serão utilizados para o desenvolvimento de pesquisa, dissertação e artigo a serem divulgados nos meios acadêmico e científico, no entanto, se qualquer informação for divulgada em relatório ou publicação, isto será feito sob forma codificada, para que a confidencialidade seja mantida.

Você terá a garantia de que qualquer problema decorrente do estudo será conduzido pelo pesquisador.

Declaro ter recebido as informações acima e concordo em participar dessa pesquisa nos termos apresentados.

Assinatura: \_\_\_\_\_ (Participante)

Data: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Pesquisador

Marcos Augusto Moraes Arcoverde (Fone: 8409-2523)

Enfermeiro – Mestrando em Enfermagem  
(Universidade Federal do Paraná)



***ANEXO***

## **Anexo I – Parecer do Comitê de Ética.**

## **Anexo II – Entrevista**

**Pesquisador:** Gostaria que o senhor me falasse como você vive a sua sexualidade no seu dia-a-dia.

**Ator:** Bem, na minha época de juventude não existia realmente nenhuma instrução, nem se falava em educação sexual, não existia nenhuma bibliografia sobre educação sexual. Existia um livro de um escritor alemão que eu não lembro o nome. Só um livro, e ele tratava, tratava o ato sexual assim, como assim, uma coisa extraordinária, não era uma coisa de emotivo, não era uma coisa que o homem deveria praticar. O ato sexual era tabu mesmo. Tabu mesmo. E isso não quer dizer que o libido da juventude não despertasse. Despertava realmente, mas só que com todas aquelas dificuldades. E com o passar do tempo essa minha geração foi amadurecendo, foi... foi se inventando novos conceitos sobre a vida sexual do ser humano. Mas antigamente um casal, casado mesmo não praticava sexo pelado, sem roupa, no claro, não. Era um tabu. Era tudo no escuro, tudo apalpando. Hoje não, hoje os idosos que passaram por tudo isso e se atualizaram eles tão conhecendo tudo. Tudo, inclusive as maneiras, posições. O Kama Sutra é um negócio muito antigo, mas naquele tempo nem se falava, nem. Publicar um livro daquele? Mas nem pensar. A igreja, os moralistas iam dar em cima e não iam... seriam capaz até de queimar a livraria. E hoje não. Está bem divulgado. Eu acho que está divulgado até com muita malícia, que deveria ser divulgado com mais educação e menos malícia. E hoje há até um incentivo pra juventude praticar o sexo fora da relação, fora do amor. Porque o sexo para o ser humano seria um símbolo de amor. Pra um animal, não. Pra um animal é o cio. O animal vai pratica o sexo e pronto não quer saber mais nada. Para o ser humano, pra nós que temos inteligência, temos sentimento, que temos inteligência e sentimento, o sexo seria uma complementação do amor. Infelizmente não é o que está acontecendo. Hoje entre a juventude, você sabe muito bem disso, hoje a juventude é uma disputa pra ver quem, quem transa mais. Agora sobre o idoso, eu estou com 85 anos, eu não sou uma pessoa normal pra falar sobre isso porque eu tive cirurgia da próstata. E a cirurgia da próstata muita vezes ela é taxativa, ela determina impotência total, muitas vezes, nem todos. Tanto que muitos senhores, não muito idosos que têm câncer de próstata não se submete a cirurgia, preferem continuar um tratamento pra não perder, pra não correr o risco. Um caso bem típico, Darci Ribeiro, que foi ministro, foi

figura da república, ele não admitiu ser, a cirurgia e morreu de câncer né, e não admitiu a cirurgia com medo de perder a potência, perder, se tornar impotente, isso não quer dizer que o libido cai, o libido nunca cai, se você, você vai ver que tem gente de 100 anos, isso é comum você ver isso, num asilo de velhos o cara de 100 anos tá lá, chega uma menina bonita ele quer meter a mão, então o libido não cai nunca, ele pode deixar de praticar o ato sexual, mas o libido ele não perde nunca. Eu por exemplo na minha vida particular, eu perdi minha mulher fazem 8 anos, e depois disso eu tive um problema, um caso sexual, um, e me arrependi, daí eu não quis\fiz mais e faço perfeitamente bem, faço perfeitamente bem, agora com certeza se eu ainda tivesse com minha mulher a minha vida sexual continuaria, depois eu perdi minha mulher quando eu tinha 77 anos e eu tinha vida sexual normal, não aquela de todo dia né, isso aí também não existe, eu posso te contar uma historinha interessante, que tinha um camarada fazendo palestras sobre Educação sexual, o cara famoso no mundo inteiro né, depois que fez uma baita de uma palestra, auditório cheio, caríssimo, aí ele quis fazer uma pesquisa né e começou a perguntar a frequência sexual do pessoal que tava assistindo né, então ele perguntava, ele ia anotando, tantos dias tal, por semana, por mês, aí ele disse: Olha a última pergunta aqui eu vou fazer porque tá no script, quem pratica sexo uma vez por ano? Aí a turma caiu na gargalhada, daí um velhinho lá no fundo, eu,eu,eu aí a turma riu de novo daí, ele tão alegre, uma vez por ano, é hoje , é hoje, aí vê, isso é um exemplo de sexo daí, é uma anedota é uma piada, mas é um exemplo do que o sexo, e a mulher também, a mulher também, embora a mulher tenha mais recato, se esconda, tenha vergonha, mas eu, eu encontro muitas senhoras de 50, 60 anos que só falam em sexo, e se você conta uma piada pesada ela morre de rir, então eu falo de mulher, eu tenho muito, eu tenho muita oportunidade de ter mulheres assim, na convivência né, e eu conto muita piada pesada mesmo, mas é a coisa que mais, vou contar uma piada pesada, ah que bom, que bom, então o sexo morre junto com o corpo, tem alguma outra pergunta mais? Pode perguntar!

**Pesquisador:** Algumas coisas o senhor até já foi respondendo, assim o senhor falou a questão de ter perdido a esposa, algumas outras questões referente ao ato sexual, mas você consegue na sua visão, a sexualidade seria além do ato sexual?

**Ator:** Bom, eu não sei se esse aspecto chega a ser sexual por Freud tudo é sexual, Freud, tudo sexual, até o nené mamar, eu acho que não, eu acho que, agora eu acho o seguinte, que nós os seres humanos, a não ser que tenha um grande distúrbio mental, nós precisamos de contacto, contacto, e Freud já vai dizer que isso é sexo, você abraçar uma pessoa, ah isso aí já é malicioso, mas não é, e nós precisamos ter contacto, não há uma pessoa normal que não goste de um contacto, uma batida no ombro, tanto que o nosso cumprimento é um aperto de mão, é um contacto, hoje é comum, hoje é muito comum, o rapaz encontrar uma moça e, não é beijo, é só encostar a bochecha de um lado e de outro, isso é comum, há algum tempo atrás não era, com o tempo atrás, a cerimônia era o cavalheiro nem chegava a beijar a mulher, a mão da mulher só chegava perto, fazia o gesto de beijar mas não beijava, então isso tá mudando completamente, agora, dizer que a necessidade, ou a vontade, ou o gosto que dá, que existe em haver um contacto de ser humano a ser humano, seja de homem com homem, assim quanto ao amigo que gosta de dar um abraço no amigo, puxa vida, ou uma festa, aniversário, que todo mundo se abraça, isso é bom é gostoso, o homem, o ser humano necessita isso, agora se isso vai pro lado sexual, eu não tenho capacidade para dizer, eu acho que, eu acho que não. Agora veja bem, o desvirtuamento do sexo está muito avançado, não precisa ir longe, 8 indicações de Oscar é a história de dois homossexuais, até o “cowboy” se tornou homossexual, agora por que isso, porque a maioria dos roteiristas e escritos, etc, etc, são homossexuais, então tá puxando pra esse lado, as paradas dos homossexuais, que ofensivamente vão fazer parada, gritar exigir direito etc, isso pra mim é uma aberração, pra mim é, eu ainda sou do tempo antigo, eu acho que o bicha eu sei que muitas vezes até é genealógico, eu acho que ele tem até, vem até no cromossomo dele, na descendência dele, tenha parentes, as vezes não é nem o avô ou o pai, às vezes até o tatatataravô porque nos trazemos os genes de 500 anos atrás, quem sabe um homem da caverna lá que era meu não sei o que, ele era homossexual, quem sabe, ninguém sabe, mas grande parte também é da educação, e é do que o mundo moderno está apresentando, são coisas que acontecem hoje na televisão, a televisão é um instrumento com tanta divulgação, que ela transforma a mentalidade de uma sociedade, agora nenhum ser humano, a não ser de uma doença total houve imobilização, deixa de ter os seus desejos sexuais. Isso morre com o corpo, quem qual é o homem, eu vejo isso e eu vou na boca maldita todo sábado e lá ta cheio de velho né, passa uma dona boa, oooooo, o cara nunca

mais, o cara tá de bengala ali andando curvado, passa uma dona ele, o que é isso, isso é, isso é o belo, heterossexual, então é isso meu companheiro, outra coisa, é, com a educação sexual, até a igreja ela mudou um pouco o seu aspecto. Infelizmente ela é muito conservadora, eu sou católico praticante, mas eu discordo de muito coisa do papa, e do vaticano, discordo mesmo, e já tive, uma vez eu tive uma discussão numa palestra com um camarada, eu tive uma discussão com o cidadão, e no fim eu fui descobrir que o cidadão era frade, eu não sabia, eu discuti com ele sem saber nada, porque eu tava assistindo uma palestra do Padilha. O Padilha é um professor ali muito bom, não sei se você conhece, eu tava assistindo a palestra, e ele tava comentando alguma coisa da Cirla, Cirla é Conferencia de Bispos Latinos Americanos, e a Cirla nessa reunião, a Cirla fez dois enunciados, um bom natural ele disse leu isso no observatório romano que ele é assinante, e o outro, aí ele se referiu a outro enunciado, dizia o seguinte, que os casais de 2º encontro que não tivessem filhos deveriam se separar, e os que tivessem filhos deveriam continuar junto pra criar os filhos, mas como irmão e irmã, quer dizer sem sexo, aí o palestrante disse que isso na verdade é uma coisa muito difícil, e aí o outro lá se levantou, não mas isso não é da Cirla não, isso é do Vaticano, que é o papa, e ele não pode mudar isso, ele não pode mudar isso, isso é uma lei de Deus e ele não pode, aí eu levantei de lá e disse, pode, não pode, pode sim, porque quando Cristo designou Pedro como fundador da igreja, como o primeiro papa, ele disse pro Pedro que o que atares na terra, será atado no céu e o que desatares na terra, será desatado no céu, isso no meu entender de leigo é uma procuração de amplos poderes e tão amplos poderes que João XXIII mudou radicalmente a sistemática da igreja católica, porque ele tinha esses poderes. Aí o palestrante lá, o Padilha achou que eu estava com a razão, aí o camarada saiu da sala né, digo ficou 2, 3 minutos saiu, sem pedir licença, sem nada, aí o Padilha ainda falou, olha o rapaz aí o senhor, acho que ficou magoado e saiu. Aí terminou a palestra, o pessoal chegou pra mim, mas pô rapaz, você deu o dedo no freio, freio do Bom Jesus, da igreja do Bom Jesus, não do colégio, da igreja, e eu acho isso, eu acho que quando Deus nos deu a vida, ele nos deu a vida, nos deu sentimento, ele nos ensinou a amar. Só nós sabemos amar, dizer que o cachorro ama o dono, conversa mole, mas o cachorro, o cachorro quer o bombom, a boa vida, acostuma com o cheiro, o carinho, tudo isso, o domesticado porque o cachorro selvagem não tem nada disso, e antigamente só existia cachorro selvagem, mas quando Deus fez isso, ele queria que nós fôssemos

felizes, ele fez tudo para que nós fôssemos felizes. Então se um casamento realmente se torna um transtorno, por precipitação, por não saber escolher, eu acho lógico que se separem e que cada um procure ser feliz com outra pessoa. Eu sou a favor disso, embora seja católico, eu sou a favor do controle do, né bem controle, do controle da educação sexual, para efeito de procriação. Um dos flagelos do mundo hoje é o excesso de gente, e o excesso de gente onde mais há necessidade que é a classe pobre, é a África, é a favela, porque a classe média e rica já faz, e a igreja católica é contra isso. E eu sou contra a igreja católica nesse ponto, pra igreja católica sexo é pra procriar e pronto. Nos meios naturais de se evitar, e outra coisa, só nós, aliás nós não, existe animais que são assim também, mas a maioria dos animais só tem contato sexual quando tem o cio, cio da fêmea, o macho sempre disposto, se ele cheirar o cio, ele vai, e nós seres humanos não existe isso, nós temos o desejo sexual, não precisa cheirar, não precisa a mulher tá no cio, então se fosse só pro procriar, Deus não faria o homem assim, Deus faria o homem igual o animal, quando a mulher tivesse cio, e a mulher ia ter cio a cada 9 meses, ou a cada ano, como o elefante. Então se ele nos deu essa propriedade de usar o sexo como prazer, como complemento do amor, eu acho que competi a nós usufruir isso e não tem esse negócio da igreja não admitir. Eu sei casos, pô pela minha vida, eu sei de casos grandes, um número imenso de casos de casais que realmente, foi um passo errado, casais que com 20 anos de casamento, com filhos adultos e tudo isso, e o camarada começa a se embriagar, se torna alcoólatra, e bate na mulher, e pronto, e o que que essa mulher vai fazer? Tem que separar, tem que separar, cada um vai procurar ser feliz com outro, o cara quer encher a cara que vá encher no bar, a mulher apanha, apanha e não recebe nada em casa, o marido não traz nada, gasta tudo com bebida, o que que ela tem que fazer? Deixar esse cara pô, e ela vai procurar um homem pra ser feliz com ele, porque o desejo sexual não morre, não morre, e então aparece os meios artificiais da mulher se satisfazer, do homem se satisfazer, você vai na internet tá cheio de troço desses, cultura do sexo, cultura do sexo, o sexo é muito importante.

**Pesquisador:** O senhor comentou a respeito do contato né, no seu dia a dia, pelo que o senhor falou isso é muito importante, no seu dia a dia você busca esse contato?

**Ator:** Olha é, eu vivo sozinho né, eu vou todo dia jogar tênis, eu encontro meus amigos lá, conto piadas, eu tenho meus jantares aí fora, eu tenho as minhas temporadas fora também em hotéis, aí eu faço reuniões, eu do palestras também, uma vez por mês, tenho palestra aí num Spa , tenho sexta-feira que vem dia 17 eu tenho uma, e eu não vou falar de sexo não, eu vou falar, eu falo sobre experiência de vida, sobre lições de vida, que eu tomei muitas lições de vida, muitas lições. Particularmente minha vida sexual foi muito boa, muito boa mesmo. Na igreja, hoje na igreja moderna, enfim, alguns padres fazem reuniões de casais, dão educação pra casais, e eles são taxativos porque na relação entre marido e mulher tudo é válido, desde que seja com amor. Então eu sou favorável a isso, tudo é válido desde que seja com amor, não sei se os outros, não sei por exemplo quem tem 60 anos hoje, como é que tá pensando isso, porque 60 anos hoje pra mim ele tá 25 anos atrás de mim, não sei se você vai achar alguém com mais de 85 anos aí pra entrevistar.